

ELAINE CRISTINA PAGANOTTI REZENDE

**HOTEL GASPAR: IDENTIDADE E MEMÓRIA NO
CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO LOCAL**

BOLSISTA - UCDB

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO ACADÊMICO
CAMPO GRANDE - MS
2015**

ELAINE CRISTINA PAGANOTTI REZENDE

**HOTEL GASPAR: IDENTIDADE E MEMÓRIA NO
CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local - Mestrado Acadêmico, da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local, sob a orientação da Profª Drª Maria Augusta de Castilho

BOLSISTA - UCDB

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO ACADÊMICO
CAMPO GRANDE - MS
2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande, MS, Brasil)

R467h Rezende, Elaine Cristina Paganotti

Hotel Gaspar: identidade e memória no contexto do desenvolvimento local / Elaine Cristina Paganotti Rezende; orientação Maria Augusta de Castilho. -- 2015.

76 f. + anexos

Dissertação (mestrado em desenvolvimento local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2015.

1. Patrimônio histórico 2. Turismo cultural 3. Hotéis – Campo Grande
I. Castilho, Maria Augusta de II. Título

CDD – 363.69098171

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: “Hotel Gaspar: identidade e memória no contexto do Desenvolvimento Local”.

Área de concentração: Desenvolvimento Local em contexto de territorialidades

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento Local: Cultura, Identidade, Diversidade.

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Conselho do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado Acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

Exame de Defesa aprovado em: 29/07/2015

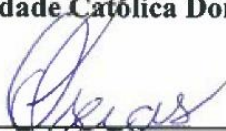
BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Maria Augusta de Castilho – Orientadora
Universidade Católica Dom Bosco



Profª Drª Arlinda Cantero Dorsa
Universidade Católica Dom Bosco



Prof Dr Oseias de Oliveira
Universidade Estadual do Centro-Oeste

Dedico este trabalho a minha família: Maior presente que Deus me deu!

Arnaldo Paganotti – meu pai (*in memoriam*).

Francisca Manoel da Silva Paganotti – minha mãe.

Cleber Oliveira Rezende – meu esposo.

Rafael Paganotti dos Santos, Gabriel Paganotti Rezende e Maria Eduarda Paganotti Rezende – meus filhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo infinito amor e proteção em todos os dias de minha vida!

Ao meu esposo Cleber Oliveira Rezende e aos filhos, Rafael Paganotti dos Santos, Gabriel Paganotti Rezende e Maria Eduarda Paganotti Rezende pelo companheirismo, ajuda, paciência, estímulo e compreensão. Cleber sempre me incentivou a estudar e nunca mediu esforços para meu crescimento profissional. Meus filhos acreditaram no meu sonho e sempre estiveram ao meu lado.

À professora doutora Maria Augusta de Castilho, minha orientadora, parte da realização deste sonho. Ao meu lado, durante a elaboração da dissertação, guiou meus passos. Imenso carinho, respeito e admiração! Minha mestra! Levarei comigo o seu exemplo e ensinamentos.

A todos os meus amigos, em especial, Maisa Helena Pimenta e Lucelia da Costa Nogueira Tashuna, amigas de verdade que levo no coração. Participaram comigo todos os momentos. Amigas para sempre!

Ao professor doutor Heitor Romero Marques, pelo incentivo, conselhos e apoio nos momentos importantes. Aprendi muito!

A Leonir Mesquita, que também contribuiu para a realização deste sonho. Uma pessoa muito humana que tive a satisfação de conhecer. Grata pela oportunidade que me foi dada e todo carinho que tem comigo.

A todos os professores do Mestrado em Desenvolvimento Local da UCDB: Pedro Pereira Borges, Arlinda Cantero Dorsa, Josemar de Campos Maciel, Olivier François Vilpoux, Cleonice Alexandre Le Bourlegat, Dolores Pereira Ribeiro Coutinho. Cada um de vocês deixou grandes marcas em minha vida acadêmica e em minha formação. Obrigada por compartilharem comigo o conhecimento, mestres queridos!

A Larissa Freire, secretária do Mestrado em Desenvolvimento Local, pela atenção e disponibilidade.

À professora doutoranda Karla de Toledo Cândido Müller, por ter dedicado um pouco do tempo a me ajudar durante o processo de elaboração desta dissertação e pelo conhecimento compartilhado.

Aos colegas do Mestrado pela convivência e aprendizado. A todos que diretamente ou indiretamente, contribuíram para a realização deste sonho.

RESUMO: O objetivo desta dissertação foi analisar o contexto patrimonial e identitário de Campo Grande-MS em que o Hotel Gaspar está inserido. O texto apresenta a visão histórica do hotel e seus usuários, bem como a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, expondo a análise e discussões dos resultados. O estado da arte foi construído a partir dos conceitos de desenvolvimento local, confiança, capital social, empreendedorismo, empresas familiares, sentimento de pertença, cultura, identidade, espaço, lugar, território, memória e patrimônio cultural. A metodologia utilizada quanto à abordagem foi quali-quantitativa, com ênfase nos dados qualitativos com a alternativa para o método indutivo. No que se refere ao tipo de pesquisa escolheu-se a exploratória, descritiva e ainda história oral e a narrativa. A coleta de dados deu-se por meio de revisão bibliográfica e pesquisa de campo (entrevista semiestruturada). Identificou-se que o Hotel Gaspar faz parte do patrimônio histórico de Campo Grande/MS, da memória da Cidade Morena e de sua comunidade, com momentos e histórias vividos no passado, preservados no presente, trabalhando para a conservação patrimonial e cultural da localidade.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Patrimônio Cultural. Hotel Gaspar.

ABSTRACT: The objective of this dissertation was to analyze the patrimonial and identity context of Campo Grande-MS in the Hotel Gaspar is inserted. The text presents a historical overview of the hotel and its users, as well as the railroad Brazil Northwest, exposing the analysis and discussion of the results. State of art was built from the local development concepts, trust, social capital, entrepreneurship, family business, sense of belonging, culture, identity, space, place, territory, memory and cultural heritage. The methodology used on the approach was qualitative and quantitative, with emphasis on qualitative data on the alternative to the inductive method. As regards the type of survey was chosen exploratory descriptive plus oral story and narrative. Data collection took place through literature review and field research (semi-structured interviews). It was identified that the Hotel Gaspar is part of the historical heritage of Campo Grande / MS, the memory of the "Cidade Morena" and its community, with moments and stories experienced in the past, preserved in this, working for equity and cultural conservation of the locality.

Keywords: Memory. Cultural patrimony. Gaspar Hotel.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Visão panorâmica da região	15
Figura 2 Fundadores do Hotel Gaspar	16
Figura 3 Planta do Hotel Gaspar	17
Figura 4 Hotel Gaspar em construção 1953.....	17
Figura 5 Hotel Gaspar em 1954	18
Figura 6 Nossa Senhora de Fátima.....	19
Figura 7 Imagens de personagens históricos	23
Figura 8 Quarto do hotel Gaspar.....	26
Figura 9 Elevador do Hotel Gaspar	26
Figura 10 Parte interna do Hotel Gaspar.....	27
Figura 11 Telefone	31
Figura 12 Lavanderia do Hotel Gaspar.....	31
Figura 13 Estação de ligação em 1914	34
Figura 14 Inauguração da ferrovia em 1914.....	36
Figura 15 Chegada do trem na ferrovia Noroeste do Brasil	36
Figura 16 Ferrovia NOB em 1976	40
Figura 17 Ferrovia NOB em 2011	40
Figura 18 Armazém Cultural.....	41
Figura 19 Orla Morena	41
Figura 20 Visão panorâmica da Orla Morena.....	43
Figura 21 Identificação dos hóspedes mensalistas	45
Figura 22 Identificação dos gestores.....	45

Figura 23 Estação Rodoviária	54
Figura 24 Estação Ferroviária	54
Figura 25 Antônio Gaspar fazendo a ligação da luz elétrica no hotel.....	58
Figura 26 Hotel Gaspar 1954	59
Figura 27 Hotel Gaspar 2015	59
Figura 28 Janelas do Hotel Gaspar	60
Figura 29 Porta de entrada do Hotel Gaspar.....	60
Figura 30 Porta interna do Hotel Gaspar.....	61
Figura 31 Sacada do Hotel Gaspar	62
Figura 32 Foto tirada no elevador do hotel.....	63
Figura 33 Espaço para café da manhã.....	66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Amostra da pesquisa	46
Gráfico 2 Idade dos hóspedes mensalistas e gestores do hotel	47
Gráfico 3 Gênero dos hóspedes mensalistas e gestores do hotel	48
Gráfico 4 Estado Civil dos hóspedes mensalistas e gestores do hotel	49
Gráfico 5 Atividade profissional dos hóspedes mensalistas e gestores do hotel...	50
Gráfico 6 Tempo de moradia dos hóspedes mensalistas e gestores do hotel	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 VISÃO HISTÓRICA E CULTURAL DO HOTEL GASPAR	13
3 A ESTRADA DE FERRO NOROESTE DO BRASIL E OS USUÁRIOS DO HOTEL	33
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICES	74

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa parte da premissa de que os bairros, cidades, estados e países são territórios que possuem suas histórias e, por meio da memória coletiva ou individual, permanecem recordadas no presente. Nesses territórios, estão inseridas as pessoas que também carregam consigo suas histórias. De acordo com Braz e Oliveira (2013, p.108), “o território pode ser percebido de uma forma subjetiva, na qual o ser humano pode estabelecer um vínculo afetivo, simbólico e constitutivo de história”.

Os bens materiais/imateriais fazem parte da história das pessoas e desses territórios, podendo ser preservados e reconhecidos como patrimônio histórico/ cultural de uma cidade, sendo uma forma de manter vivo o passado no presente.

Com relação à palavra patrimônio, Possamai (2000, p.16) aprofunda o tema afirmando que:

O patrimônio hoje é preocupação de um número expressivo de países em todo o mundo, reunindo profissionais de diversas áreas, que compartilham os postulados técnicos e teóricos relacionados a essas tarefas. As discussões sobre o patrimônio abrangem um grande número de aspectos, que vão desde a identificação de um conjunto cada vez mais abrangente de bens culturais, incluindo não apenas monumentos, mas também os bens naturais e etnológicos, até o gerenciamento e sustentabilidade dos patrimônios junto às comunidades locais.

As discussões sobre patrimônio tornam-se fundamentais para as comunidades locais e ao desenvolvimento local, visto que contempla o desenvolvimento endógeno, tendo como premissa a valorização da cultura local bem como a participação ativa da população.

Voltando-se à fundamentação histórica dessa temática, Funari e Pelegrini (2006) apontam que já na Revolução Francesa foi instalada uma comissão para

cuidar da preservação dos monumentos nacionais. Assim, pretendia-se preservar os símbolos que representavam a nação francesa e sua cultura.

O patrimônio cultural de um povo está relacionado com o conceito de identidade, contribui para o exercício da cidadania, porque emerge sentimento de pertença e continuidade histórica. Todos os sentimentos trazidos à tona pelo patrimônio cultural de um povo superam a natureza física das coisas, tendo em vista que a materialidade povoa o dia-a-dia e referencia intensamente a vida das pessoas. Dessa forma, patrimônio cultural é a soma dos bens culturais de um povo.

Campo Grande, assim como outras cidades, possui ao longo da construção de sua história vários aspectos culturais que ajudaram a tecer a sua memória e que estão em constante processo de edificação. A cidade teve o marco do seu desenvolvimento com a chegada dos trilhos, em 1914, vista como fonte de progresso e modernidade. A construção da Estrada de Ferro Noroeste Brasil (NOB) atraiu muitos imigrantes que se tornaram empreendedores na cidade.

Nesse contexto, o presente estudo foi delineado a partir do Hotel Gaspar em Campo Grande/MS, inaugurado em 1954 por um imigrante português, que veio à cidade para trabalhar na manutenção da ferrovia. A pergunta que norteou esta pesquisa foi: O Hotel Gaspar é reconhecido como patrimônio histórico e cultural de Campo Grande?

A pesquisa foi pautada na abordagem quali-quantitativa, contudo com maior ênfase nos aspectos qualitativos, e na subjetividade. Collis e Hussey (2005) apontaram essa abordagem como procedimento mais subjetivo envolvendo apreço e ponderação das atividades humanas e sociais e Roesch (2005) a considera como a mais apropriada para o período exploratório de uma pesquisa.

Quanto ao método, foi o indutivo, visto que a pesquisa iniciou do particular para o geral. A base técnica foi o método observacional, que está baseado em ver, sentir e escutar. No que se refere aos procedimentos, foi utilizado o método histórico que, de acordo com Marques *et al* (2014), tem a pretensão de pesquisar os acontecimentos e averiguar sua influência no mundo atual.

Quanto ao tipo de pesquisa, com base no objetivo, foi exploratória, já que se espera obter mais informações sobre a temática em estudo. Na visão de Malhotra (2012), as pesquisas exploratórias têm por objetivo examinar um problema ou

situação para obter conhecimento e está relacionada com a descoberta de ideias e percepções. Foi também descritiva, pois buscou narrar e caracterizar fenômenos e populações, esse tipo de pesquisa tem o objetivo de descrever algo, geralmente particularidades ou funções do mercado.

No entanto, o tipo de pesquisa predominante foi a história oral, pois se recontou a trajetória do Hotel Gaspar na cidade de Campo Grande/MS ao longo dos tempos. A pesquisa por meio da história oral é um método: histórico, antropológico e sociológico, que privilegia a prática de entrevistas com pessoas que participaram ou observaram acontecimentos, circunstâncias, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, movimentos entre outros. (ALBERTI, 1990).

Ainda cabe destacar a experiência da narrativa. Na visão de Certeau (1994) contar história é criar um espaço para ficção, é arte do dizer e do fazer história. É uma prática que contempla uma relação associada com o tempo vivido, isto é, aquele tempo mantido na memória e retomado pelo ato da fala no presente.

A arte de narrar é um trabalho artesanal, que transforma a sua matéria, a vida humana, uma vez que “o seu talento de narrar está na experiência, seu aprendizado, que extraiu da própria dor, sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo” (BOSI, 1987, p. 49).

A população objeto de estudo são os hóspedes mensalistas, circulantes e gestores do hotel, que corresponde a 46 pessoas. No entanto não foi possível entrevistar toda a população e optou-se pela amostra, que corresponde a 8 pesquisados. Quanto à amostragem aplicou-se a probabilística e a técnica utilizada para seleção da amostra foi por conveniência.

O estudo foi realizado por meio de revisão bibliográfica, que de acordo com Marques *et al* (2014, p. 55), “é aquela cujos dados são secundários, obtidos em livros, revistas”. Ainda, foi utilizada a pesquisa de campo, por meio de dados primários, visto que são obtidos diretamente na fonte, objeto de estudo. O instrumento para coleta de dados foi a entrevista, elaborada a partir de um roteiro prévio semiestruturado contendo questões objetivas e subjetivas.

Os pressupostos teóricos foram pautados no aporte de renomados autores que discutem conceitos relevantes à pesquisa, tais como: patrimônio cultural,

identidade, memória, espaço, lugar, território, desenvolvimento local, confiança, capital social e sentimento de pertença. Dessa forma, constrói-se o estado da arte contando a visão histórica do hotel, relacionando-a com os autores que compõem a fundamentação teórica em relação ao tema proposto.

A estrutura da presente pesquisa foi dividida em três capítulos, sendo que o primeiro apresenta a visão histórica e cultural do Hotel Gaspar, relacionada aos aportes teóricos necessários; o segundo discute a estrada de ferro e os usuários do hotel, a construção da Estrada de Ferro Noroeste Brasil no contexto do hotel e da cidade de Campo Grande/MS. O terceiro capítulo trata dos resultados e discussões com vistas ao objetivo proposto: analisar o contexto patrimonial e identitário de Campo Grande-MS em que o Hotel Gaspar está inserido. Expõem-se as considerações finais, referências e apêndices.

2 VISÃO HISTÓRICA E CULTURAL DO HOTEL GASPAR: caminhos entrelaçados no contexto de desenvolvimento local

A presente seção discorre sobre a visão histórica e cultural que envolve o Hotel Gaspar, em Campo Grande/MS. Um empreendimento moderno para sua época, fundado pela família Gaspar, considerada pioneira no ramo de hotelaria na cidade.

De acordo com a revista ARCA (2000), a história do Hotel Gaspar teve início com a vinda de Joaquim Margarido, de Portugal a São Paulo, em 1929. Em meio à Revolução de 1930, com a crise de desemprego no Brasil, Joaquim veio a Mato Grosso. Logo, em sua chegada, encontrou Manoel Secco Thomé, que trabalhava na fabricação de dormentes para manutenção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB). Joaquim instalou uma madeireira na região de Várzea Alegre, fazendo compras em Campo Grande; entretanto, voltou a Portugal em 1937, mas permaneceu por pouco tempo, apenas um ano, e retornou a Mato Grosso, juntamente com seu filho mais velho, Manoel Antonio.

Seu filho mais velho era muito apegado à mãe e encontrou muitas dificuldades para se adaptar em Mato Grosso por saudades da mãe que havia ficado em Portugal. Sendo assim, Joaquim pediu à esposa que viesse morar em Mato Grosso.

Em 1941, a esposa de Joaquim e suas filhas chegaram a Mato Grosso, e quando ela adoeceu, foram morar em Campo Grande. Ao chegarem à cidade, compraram o Hotel Barros, localizado na rua 14 de Julho, e mais tarde o hotel foi vendido. Joaquim adquiriu outro na rua 13 de Maio, que também foi vendido algum tempo depois.

A história de vida de Joaquim deu continuidade pela história de Antônio Gaspar, natural de Ancião, próximo a Coimbra, que veio em 1936 para a cidade de São Paulo, trabalhou em leiteria e depois se mudou para Araçatuba. Juntamente

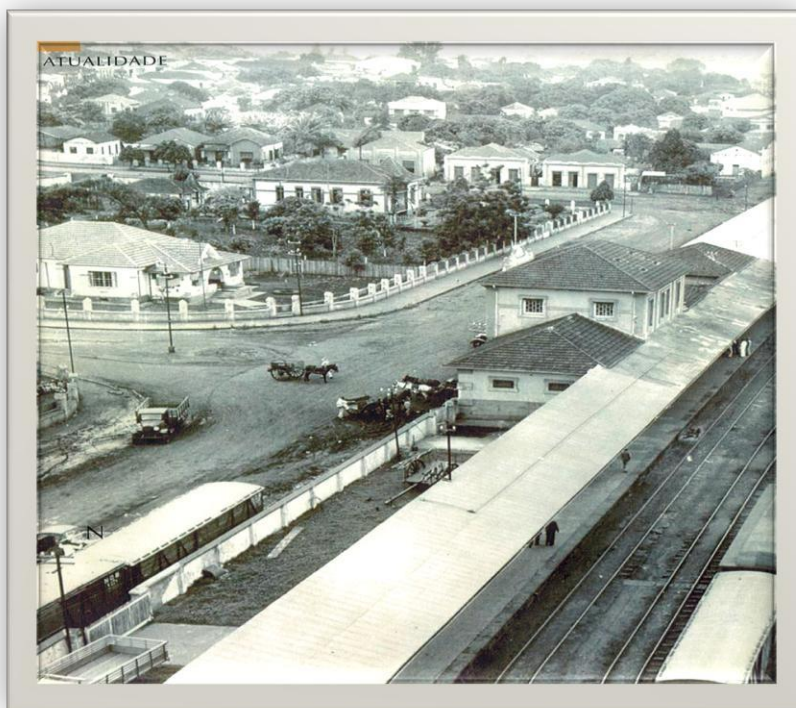
com seu irmão abriu um restaurante, mas logo depois um hotel, que hospedou madeireiros que forneciam dormentes para a NOB. Esses madeireiros acabaram não pagando as hospedagens. Antônio Gaspar veio a Campo Grande em 1940, para receber as dívidas que os hóspedes do hotel em Araçatuba haviam deixado de pagar. Esses trabalhavam para Joaquim que descontou o valor devido mensalmente dos trabalhadores da ferrovia e repassou a Gaspar.

Antônio Gaspar, encantado com a cidade de Campo Grande, mudou-se para cá, tornando-se sócio de Manoel Secco Thomé, proprietário do Bar e Restaurante Lusitano, localizado a rua 14 de Julho, mas logo depois, tornou-se único dono. O bar foi referência de fartura e sabor e também ponto de encontro dos portugueses; os homens se distraíam com jogo de cartas sueca e as mulheres conversavam. O primeiro chope de Campo Grande foi servido nesse bar.

Nessa época, Antônio Gaspar ficou amigo de Joaquim e conheceu sua filha Mariana com quem se casou em 1942. O casal teve apenas uma filha, chamada Irene, que teve três filhos.

Em 1954, Antônio Gaspar entregou a administração do bar a outros portugueses. O bar foi fechado algum tempo depois e um dos motivos foram as brigas e violências na região. Então, com sua visão de futuro comprou uma área na esquina da avenida Mato Grosso, que fazia frente com a linha férrea (figura 1).

Figura 1 - Visão Panorâmica da região



Fonte: Revista Ímpar (2006, p. 28).

A figura 1 dá uma visão panorâmica da região antes da construção do hotel, percebe-se a ferrovia NOB, e na esquina da avenida Mato Grosso com a avenida Calógeras, visualiza-se o terreno, ainda uma paisagem natural, onde foi construído o Hotel Gaspar. O projeto do empreendimento foi do engenheiro Joaquim Teodoro Farias a pedido de seus fundadores o casal Antônio Gaspar e Mariana Gaspar (figura 2).

Figura 2 - Fundadores do Hotel Gaspar



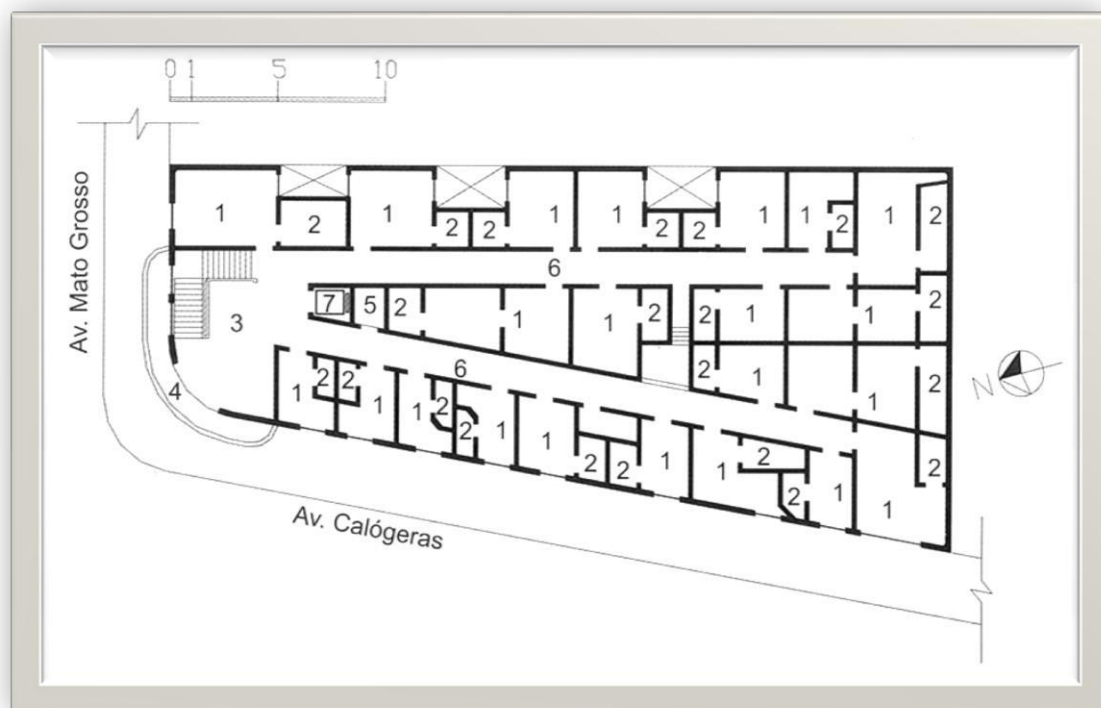
Fonte: Disponível em: <<http://migre.me/pY22Q>>. Acesso em 20 fev. 2014.

De acordo com Fukuyama (1996), praticamente todos os empreendimentos econômicos emergem como um negócio de família, empresas que são criadas e administradas pela própria família.

O projeto de construção do hotel foi baseado na influência do estilo europeu, arquitetura eclética que chegava a Campo Grande na época. Contemplava 4 pavimentos, com vista para os trilhos da NOB e com uma varanda no último andar. O grande saguão do hotel foi construído com a entrada semicircular beirando a esquina, composto por uma longa escada que levava até o último andar. Ao lado da recepção, foram construídos um quarto e um escritório especialmente para que Gaspar pudesse ficar sempre perto dos hóspedes. As grandes janelas e portas, encomendadas pelo proprietário em São Paulo, marcavam a fachada do hotel e se integravam com as belas sacadas arredondadas dos andares.

O projeto começou a sair do papel e ganhou paredes em 1951. Foram três anos de construção (figuras 3 e 4).

Figura 3 - Planta do Hotel Gaspar



Fonte: Arruda (1999)

Figura 4 - Hotel Gaspar em construção 1953



Fonte: Disponível em: <http://migre.me/rBTb3>. Acesso em 10 jul. 2015

Ainda de acordo com a revista ARCA (2000), Antônio Gaspar trabalhou muito na construção do hotel, no complexo da então Estação Ferroviária de Campo Grande/MS, ele mandava vir do bar Lusitano um barril de chope e tabuleiros de pão com bife para estimular os trabalhadores, visto que a laje deveria ser começada e terminada no mesmo dia (figura 5).

Figura 5 – Hotel Gaspar em 1954



Fonte: Disponível em: <http://migre.me/rBTb3>. Acesso em 10 jul. 2015

O hotel foi inaugurado em 26 de agosto de 1954, coincidindo com o aniversário da cidade. Seu fundador programou uma grande festa, que foi cancelada em função da morte de Getúlio Vargas, contudo, houve a bênção do prédio e a entronização de uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, que Gaspar tinha trazido de Portugal e permanece no hall de entrada do hotel até hoje (figura 6).

Figura 6 - Nossa Senhora de Fátima



Fonte: Disponível em: <<http://migre.me/pY29q>>. Acesso em 20 fev. 2015

Em 1970, houve a necessidade de ampliar o hotel, com a construção de novos quartos, já que, por falta de leitos, alguns hóspedes chegavam a dormir no carro, esperando para liberar quartos na manhã seguinte. Assim sendo, no quarto andar, onde funcionava a lavanderia do hotel, foram construídos novos apartamentos e a lavandeira transferida para o térreo.

Antônio Gaspar costumava afirmar que o ônibus e o trem eram as principais maneiras de se chegar à cidade. O hotel tinha um movimento muito grande e era disputadíssimo por ser muito próximo à Estação Ferroviária e também da linha de ônibus que fazia embarque e desembarque na calçada do hotel.

Nesse sentido, cabe destacar também o conceito de desenvolvimento local, que segundo Martín (1999), constitui-se tanto como dinamizador da sociedade quanto como reativador da economia local, sendo o resultado de um lugar de solidariedade ativa. Sob o aspecto econômico, o desenvolvimento local pode ser visto como um processo de articulação, coordenação e inserção dos

empreendimentos empresariais a uma nova dinâmica socioeconômica de reconstrução do tecido social, de geração de oportunidades de emprego e renda. (ALBUQUERQUE, 1998). Portanto, a geração de emprego e renda é um dos objetivos do desenvolvimento local. Partindo desse pressuposto, pondera-se também o conceito de desenvolvimento local, do ponto de vista econômico, na construção do Hotel Gaspar, gerando emprego e renda à comunidade local.

Contudo, na visão de Ávila (2000), o desenvolvimento local supõe a melhoria da cultura de cooperação ou solidariedade nessas organizações, para que os atores envolvidos na rede tornem-se aptos a tomarem decisões em prol da busca de soluções para os rumos desejados coletivamente. Esse mesmo autor ainda pontua que o desenvolvimento local ocorre quando a comunidade, mediante ativa colaboração de agentes externos e internos, incrementa a cultura da solidariedade em seu meio e se torna paulatinamente apta a agenciar e gerenciar o aproveitamento dos potenciais próprios ou cabedais de potencialidades peculiares à localidade.

Ávila (2001) acrescenta ainda que desenvolvimento local incide no efetivo desabrochamento das capacidades, competências e habilidades de uma comunidade com interesse em comum e situada em um espaço territorialmente delimitado, com identidade social e histórica a partir do rompimento das amarras que atrelam as pessoas em suas vidas.

Segundo Albagli (2004), nas relações que configuram o ambiente local, a dimensão cognitiva do ator que expressa sua capacidade de tomar decisões estratégicas em seu potencial de aprendizado e inovação, é determinante de sua capacidade de dirigir os processos de crescimento e de mudança estrutural. Partindo desse pressuposto, o conhecimento a partir da realidade e das necessidades locais é de suma importância para se obter vantagem competitiva, visto que transforma as características e atributos específicos de cada território em valorização econômica, e ainda promove padrões de desenvolvimento mais sustentáveis, em aspectos sociopolíticos, econômicos e ambientais.

O desenvolvimento local é o processo dinamizador da comunidade local a fim de que essa comunidade reative suas perspectivas econômicas, sociais, ambientais

assim como, também, aspectos culturais e qualidade de vida (ÁVILA, 2001). O Hotel é visto sob o tripé da responsabilidade social.

Impera discutir, ainda, outros conceitos como espaço e território. Na concepção de Santos (2006) o tempo, espaço e mundo são fatos históricos, que devem ser conversíveis de modo mútuo, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora. Em qualquer ocasião, o ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se. Essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso: o tempo e seu uso: a materialidade e suas várias formas: as ações e suas várias feições.

Nesse sentido, a sociedade humana da época, em constante processo de mudança, foi ponto de partida para construção do Hotel Gaspar. Raffestin (1993) complementa que espaço é local de oportunidades, onde o conhecimento e a prática são apoderados pelo ator. Antônio Gaspar compreendeu aquele espaço como local de possibilidade. O espaço é constituído pelas formas, mais as vidas que o animam, enquanto resultado da participação da sociedade nele (SANTOS 2006). “O espaço é a prisão original, o território é a prisão que os homens constroem para si” (RAFFESTIN, 1993, p.144). O hotel foi construído no espaço original que passou a ser território caminhando para territorialidade.

O terreno comprado pelo senhor Antônio Gaspar é considerado espaço e o hotel já construído compreende-se como território. Brand (2001) complementa o conceito de território como construção cultural, ou espaço de afirmação de identidade e autonomia de culturas diferentes. Compreende-se o território como uma produção a partir do espaço, que se revela em um campo de poder originado pelas relações que envolvem o espaço. (RAFFESTIN, 1993).

O território é construído, portanto, a partir do espaço e, nesse contexto, quando Antônio Gaspar chegou a Campo Grande se deparou primeiramente com o espaço, e a partir dele, emergiu o território. Corrobora Braz e Oliveira (2013, p. 108) quando afirmam que “o território é ao mesmo tempo um espaço social e cultural, visto que: enquanto um é produzido, o outro é vivenciado”.

O espaço é então heterogêneo, pois o próprio modelo geográfico é definido pela circulação que, por ser mais numerosa, detém o comando das mudanças de valor no espaço. (SANTOS, 2006).

De acordo com o exposto, espaço e território são temas análogos e tornam-se fundamentais para compreender muito bem o significado de cada um. O espaço é anterior ao território e esse território se forma a partir dele, ou seja, torna-se o resultado de ação conduzida por um ator que realiza uma transformação, assim, a construção do Hotel Gaspar naquele espaço da sociedade tornou-se um processo de mudanças. Ao se aproximar de um espaço de maneira concreta ou abstrata, o ator territorializa o espaço. (RAFFESTIN, 1993).

Cabe ressaltar que o conceito de desenvolvimento local para Àvila (2000) resulta também do dinamismo cultural, que habilita a coletividade local em ampliar suas capacidades de dirigir e transformar os tipos de apoio vindos de fora.

Parte da história do hotel está registrada em fotos e recortes de jornal, emoldurados e afixados pelas paredes do *hall* de entrada e corredores (figura 7). Dessa forma, o passado continua vivo no presente, por meio da memória.

Figura 7 - Imagens de personagens históricos



Fonte: Disponível em:< <http://migre.me/pY2gv>>. Acesso em 20 fev. 2015

Recomenda-se também para este estudo o conceito de memória que para Todorow (2002, p.141) apud Castilho e Santos (2012, p. 35) é “a vida do passado no presente”. De certa forma, as experiências e as histórias vividas no passado permanecem no presente por meio da memória. Contudo, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir e repensar imagens de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 2001, p.55).

É a partir da memória que se mantém vivo o passado no presente. Nora (1993) faz uma distinção entre memória e história, sendo que a memória é compreendida pelo autor como um fenômeno sempre atual, uma conexão vivida no presente, e história, uma representação do passado.

Halbwachs (1990) complementa e faz uma relação do conceito de memória e espaço. De acordo com esse autor, os conceitos estão entrelaçados, o espaço é representado pelas vias da memória, ao mesmo tempo em que a memória está

atrelada a um determinado espaço. Há várias formas de representar o espaço, podendo ser em grupo, onde cada coletividade transforma o espaço a seu modo e constrói suas lembranças. (HALBWACHS 1990).

Em 2009, o Hotel Gaspar sediou a locação do filme „Cabeça a Prêmio”, do diretor Marco Ricca, tendo no elenco Alice Braga e Eduardo Moscovis entre outros. Muitos ensaios fotográficos para revistas de moda também utilizam o hotel como cenário. Isso trouxe maior visibilidade ao hotel e marcou definitivamente seu valor histórico e cultural na cidade. (GASPAR, 2015).

O filme e os ensaios fotográficos sediados no hotel fazem parte do contexto histórico do local, onde são reconhecidos como identidade cultural, lembranças do passado marcadas no presente. Na concepção de Halbwachs(1990), as lembranças são uma forma de reviver o passado a partir do presente e, para esse autor, lembrar é um processo expressivo. Não se pode lembrar de tudo, a lembrança remonta apenas as experiências significativas do passado, momentos marcantes vividos no passado. São relembrados na memória conteúdos vividos amparando-se nas referências atuais. Esse mesmo autor infere que experiência e memória são conceitos entrelaçados, e à medida que se transformam, emerge a identidade.

Pollak (1992) enfatiza que a memória é um dos elementos que se constitui o sentimento de identidade, que é uma imagem adquirida ao longo da vida, referindo-se, à imagem que uma pessoa ou grupo constrói de si mesma e apresenta aos outros, dependendo de acessibilidade e credibilidade, já que é a identidade percebida pelos outros da forma que a pessoa ou grupo espera que seja. Nessa perspectiva, Pollak(1992) não entende memória e identidade como cernes de uma pessoa ou grupo, mas como processo de construção social.

As discussões a respeito de conceitos sobre políticas direcionadas aos bens que fazem parte do patrimônio cultural de um povo remontam, mais individualmente, à Revolução Francesa, época em que se desenvolveu com mais afinco a sensibilidade em relação aos monumentos dedicados a evocar a memória e evitar o esquecimento dos feitos do passado. A partir da Revolução Francesa,¹ iniciam-se as

¹ A revolução Francesa foi responsável por pensar nos monumentos como uma forma de reafirmação política e ideológica do passado.

primeiras ações políticas nesse sentido, com o objetivo de conservar os bens que significavam a força, a nobreza da nação que os portava, entre as quais uma administração incumbida de preparar as ferramentas jurídicas e técnicas para a preservação, assim como metodologias técnicas necessárias para a continuação e a restauração dos monumentos. (CHOAY, 2001)

O hotel não recebeu incentivo algum do governo para preservar o local e nunca procurou ajuda oficial para isso. A disponibilidade local para cuidar de seu patrimônio histórico e cultural de Campo Grande está em formação, daí o olhar para o Hotel Gaspar ainda não estar concluído.

Impera destacar que o tombamento oficial do Hotel Gaspar como patrimônio histórico e cultural da cidade ainda é algo para se pensar, pois os donos do hotel não sabem exatamente que tipo de limitações isso acarretaria à gestão. Não há a intenção de tombamento, mas grande parte da estrutura é preservada, o que é feito pela gestão do hotel. Os autores Castro (1991) e Souza Filho (1997) assinalam que uma das formas legais de preservação da memória e cultura oriunda do Estado é o tombamento.

O patrimônio é considerado um bem-comum, coletivo e diante disso, é preciso definir suas regras e leis, limites físicos e conceituais, e deve estar de acordo com o estatuto ideológico do patrimônio e o Estado Nacional, passando a assegurar práticas específicas a sua preservação. O conceito de patrimônio arraigou-se em uma concepção mais vasta de uma identidade nacional e contribuiu para construção da consolidação dos estados contemporâneos. (FONSECA, 1997).

No cenário atual, o hotel tem 60 apartamentos ativos, de um total de 84. Os outros 24, por não terem janelas, em razão de terem ficado isolados nos corredores, são usados como almoxarifado e dependências administrativas da empresa. Algumas mudanças no projeto original se fizeram necessárias em função de questões legais e a necessidade de adaptações. No geral, as características originais possíveis de serem mantidas foram conservadas, tais como: pisos, lustres, guarda-roupas, azulejos de banheiro, camas e mobiliário em geral, inclusive louças de copa e cozinha (figura 8).

Figura 8 - Quarto do hotel



Fonte: Disponível em:< <http://migre.me/pY2gv>>. Acesso em 20 fev. 2015

O hotel foi um dos primeiros a ter elevador em Campo Grande, sendo uma inovação para a época. O local conserva o elevador original, (figura 9), com paredes internas azuis.

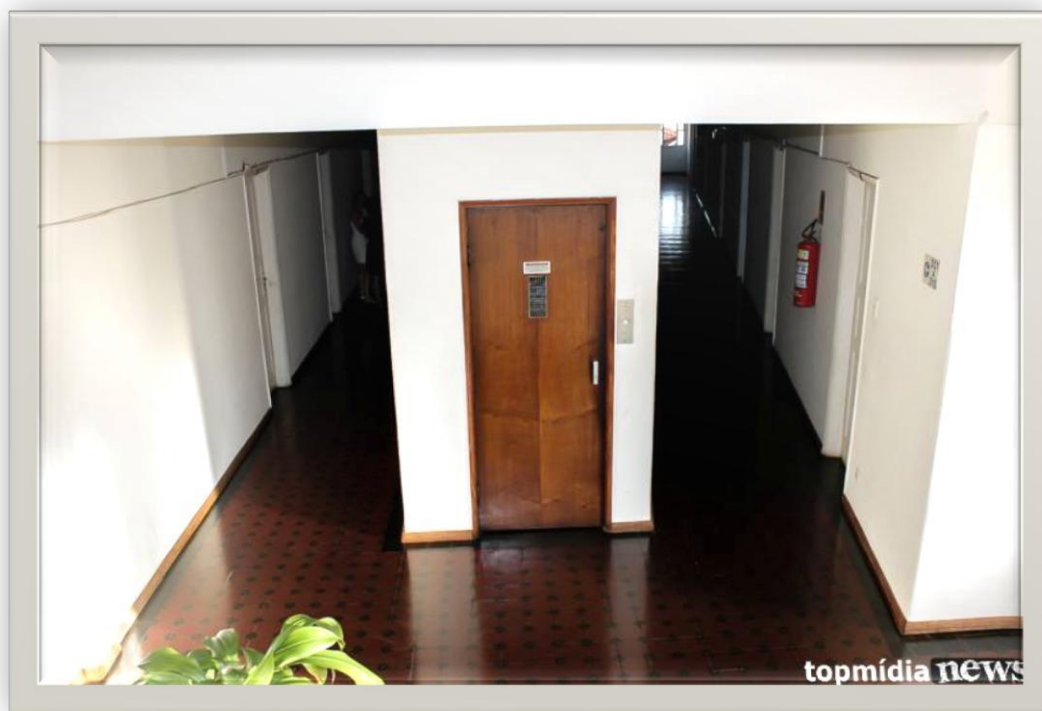
Figura 09 - Elevador do Hotel Gaspar



Fonte: Disponível em: <<http://migre.me/pY2gv>>. Acesso em: Acesso em 20 fev. 2015

A pintura externa e interna do prédio é da cor branca, a mesma da época da inauguração há 61 anos (figura 10).

Figura 10 - Parte interna do Hotel Gaspar



Fonte: Disponível em: <<http://migre.me/pY2q9>>. Acesso em 20 fev. 2015

Recentemente, quando se renovou a pintura externa e interna do prédio, o hotel recebeu a visita de técnicos do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural, com sugestões de cores que deveriam ser usadas, pois os funcionários desse instituto estavam preocupados com a descaracterização do prédio. Entretanto, sempre foi branco desde sua pintura original e por isso mantido ainda.

O hotel não tem verba específica para conservação patrimonial e nem conta com um programa de apoio para esse fim. A empresa depende exclusivamente do faturamento dos hóspedes que é sazonal e a receita é flutuante, havendo épocas de maior e de menor frequência de hóspedes. Por isso, alguns reparos e algumas manutenções são sempre urgentes, como troca de chuveiros, válvulas de sanitários,

alguns canos entre outros itens, contudo, no geral, procura-se manter a estrutura original do hotel intacta.

O patrimônio cultural está relacionado à cultura do país e diz respeito à herança de uma cidade, município ou país. É considerado um conjunto de práticas estabelecidas ao longo da história. O patrimônio pode ser considerado um bem coletivo, visto que pertence a todos os cidadãos. (CASTILHO E SANTOS, 2012).

Essas autoras afirmam ainda que o patrimônio cultural refere-se aos bens materiais e imateriais. Os materiais são constituídos com base no conhecimento aclamado pela sociedade, assim como também meios, instrumentos e criatividade que seus atores têm disponíveis. Os bens imateriais, chamados de cultura viva, são criados e recriados constantemente.

Entretanto, para que seja patrimônio impera que ele seja reconhecido, que tenha valor no âmbito das relações sociais e simbólicas, e que valor e reconhecimento são construídos ao redor do objeto em si. (POULOT, 1997, apud FERREIRA, 2006).

Outro aspecto cultural importante é que o Hotel Gaspar tem uma relação diferenciada com seus hóspedes. Há os que estão há mais de 30 anos, fazendo do local sua moradia.² Nesse aspecto, observa-se forte sentimento de pertença à comunidade do hotel. Costa (2002) evidencia que as identidades sentidas ou vividas estão relacionadas com as reproduções cognitivas e com o sentimento de pertença, reproduzidos ao coletivo de qualquer espécie, um conjunto de pessoas que partilham suas experiências de vida e situações de existência social.

Esse sentimento de pertença criou uma relação de proximidade, de pessoalidade e sociabilidade da equipe do hotel com os hóspedes, senhores e senhoras já de idade avançada acabaram tornando-se parte da família. Características como, proximidade, pessoalidade e sociabilidade estão presentes nas relações entre clientes e empresas familiares.

² Uma das especificidades do Hotel Gaspar é sua utilização como residência. Alguns hóspedes, os chamados mensalistas, moram no hotel, característica desde sua criação.

De acordo com Fukuyama (1996), há três caminhos para a sociabilidade: o primeiro deles está permeado na família e nos laços de parentescos; o segundo fora do âmbito familiar, em sociedade voluntária, escolas e clubes e o terceiro é o Estado. O autor complementa que, para cada caminho da sociabilidade, há uma forma de organização econômica. A empresa familiar, a corporação gerida profissionalmente e a empresa estatal, gerida pelo Estado. O primeiro caminho (empresa familiar) está intimamente relacionado com o terceiro (empresa estatal), pois são culturas, nas quais a principal avenida para a sociabilidade é a família e já que o parentesco tem muita dificuldade para criar grandes e duráveis organizações econômicas, volta-se conseqüentemente para o Estado em busca de ajuda.

A competitividade atual tem modificado o cenário das empresas, que percebem que compartilhar benefícios e riscos entre si pode gerar ganhos de mercado muito mais significativos do que se agissem de modo individual. Segundo Brand et al (2007, p. 337) “a história aparece como condição essencial para o desenvolvimento local, uma vez que materializa certas articulações essenciais entre memória, identidade e participação coletiva”.

Enquanto fenômeno social, o desenvolvimento pressupõe um processo de mudança, que se estende ao alcance de metas e melhoria da qualidade de vida. Procura buscar o bem-comum dos indivíduos que se relacionam, sempre levando em consideração o respeito da igualdade nas relações sociais. Nessa perspectiva, Coelho (2006) comenta que o Desenvolvimento Local (DL) pode ser alcançado de forma contínua e democrática, envolvendo processos de relações primárias e secundárias, salientando a valorização dos interesses individuais e coletivos de uma comunidade que deve promover a transformação de suas capacidades em razão de seus membros serem os principais sujeitos na construção do desenvolvimento.

Partindo das concepções já abordadas, vale considerar que o desenvolvimento de cada organização está estritamente relacionado com a eficiência das ações coletivas. A força do local e sua coletividade contribuem para o desenvolvimento local endógeno que, segundo Ávila (2003), tem como perspectiva as competências e habilidades da comunidade local, porque assim a comunidade começa a assumir o seu próprio processo de desenvolvimento.

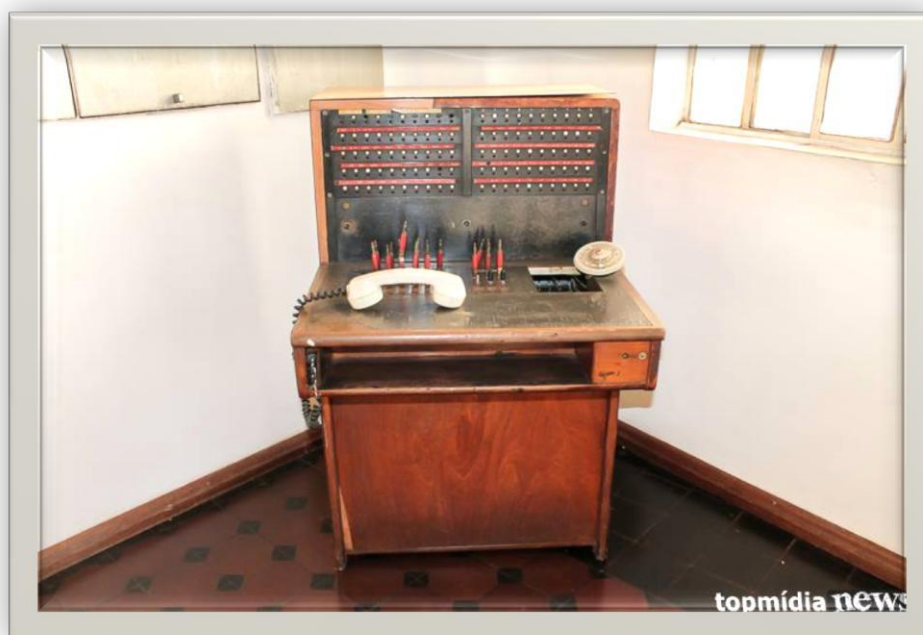
Isso ocorre, face ao assistencialismo e não resolve o problema. Na verdade, gera uma dependência da comunidade local a ajudas externas, alimentando a cultura da pobreza.

O hotel foi administrado por seu fundador, desde sua inauguração em 1954 até 1976. Sendo que, durante o ano de 1977 foi arrendado ao senhor Manoel Gaspar que, por coincidência, tinha o mesmo sobrenome, mas não era da mesma família. O arrendamento do hotel, nesse período, foi em função de problemas de saúde de seu fundador, que retoma a gestão em 1978 e administra o hotel até 1988, ano da sua morte. De 1989 a 1993, o hotel foi novamente arrendado e, dessa vez, ao senhor Aldo Teló. De 1994 a junho de 1999, a administração do hotel ficou sob a responsabilidade do sobrinho de dona Mariana. A partir de julho de 1999, a gestão do hotel passou a ser responsabilidade das netas.

Fukuyama (1996) evidencia que na 2ª fase da administração, o controle da empresa passa aos filhos e que a partir de então há uma tendência a se desintegrar, visto que os herdeiros não possuem o mesmo número de filhos e, em alguns casos, foram criados em ambientes sofisticados, nem sempre estão motivados a fazer o negócio ser competitivo, possuem uma visão de prosperidade certa. O autor afirma ainda que 80% das empresas são empreendimentos familiares e que somente um terço consegue sobreviver à terceira geração.

Desde julho de 1999, a gestão do hotel está sob a responsabilidade da 3ª geração, os netos continuam com o empreendimento idealizado pelos seus fundadores e mantêm características peculiares da primeira gestão, assim como também a preservação dos bens materiais e imateriais (figuras 11 e 12).

Figura 11 – Telefone



Fonte: Disponível em: <<http://migre.me/pY2sS>>. Acesso em 20 fev. 2015

Figura 12 - Lavanderia do hotel



Fonte: Disponível em: <http://migre.me/pY2ur>. Acesso em 20 fev. 2015

A figura 11 refere-se ao primeiro telefone do hotel. Atualmente não é mais usado, contudo, a neta de Gaspar preserva o telefone como se fosse uma peça de museu. É usado para ensaios fotográficos por revistas de Campo Grande.

A figura 12 representa a lavanderia desde sua criação e ainda é usada pelo hotel. O telefone e as máquinas de lavar, assim como outros bens materiais representam uma época preservada pela gestão do hotel em sua essência.

Há mais de meio século, o Hotel Gaspar está presente em Campo Grande. Vivenciou as mazelas do progresso e crescimento populacional, assim como também o advento da tecnologia, modernidade e desenvolvimento. O hotel é uma biografia viva que representa um grande marco histórico no processo de desenvolvimento da Cidade Morena. A próxima seção expõe a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil que também está presente no contexto histórico do Hotel Gaspar e da cidade de Campo Grande.

3 A ESTRADA DE FERRO NOROESTE DO BRASIL E OS USUÁRIOS DO HOTEL

Esta seção tem como premissa contextualizar aspectos históricos da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em Campo Grande/MS e sua relação com um dos hotéis mais antigos da cidade, o Hotel Gaspar, pois foi construído no complexo da ferrovia e possui sua história integrada à NOB e ao processo de desenvolvimento da cidade.

Segundo Cabral (1999), a cidade de Campo Grande em 1899 foi reconhecida como uma vila e tinha 600 habitantes, sendo que 10 anos depois em 1909 estava com 1200 habitantes. Um dos fatores que contribuiu para o aumento populacional da cidade foi o fluxo imigratório e migratório, que acentuou com a inauguração da ferrovia. A maioria era de Corumbá, cujo comércio começava a declinar com a perda dos aliados comerciais que serviam a Cidade Branca e passaram a abastecer-se em Campo Grande.

Cabral (1999) destaca ainda que cada grupo contribuiu para o caldeamento cultural³ da cidade como imigrantes árabes, japoneses, portugueses, italianos e espanhóis; os primeiros como mascates formaram a força do comércio local. Se nos referirmos à alimentação nesse caldeamento cultural, até hoje convive ao lado do sobá o quibe e a esfirra, como também o bacalhau, a chipa paraguaia e a macarronada. A população dos imigrantes em Campo Grande cresceu na mesma proporção dos brasileiros natos, o que contribuiu para a cidade ser a mais afamada na miscelânea de etnias.

Greco (2001) enfatiza que desde o final do século XIX havia negociações e estudos para construção da Ferrovia Noroeste do Brasil. O primeiro projeto tinha como ponto de partida a cidade de Bauru, para se chegar à capital de Mato Grosso, Cuiabá. Esse projeto foi alterado em 1903, no ano seguinte, (1904), ficou posto que o trecho brasileiro da ferrovia transcontinental ligasse o Atlântico ao Pacífico, por

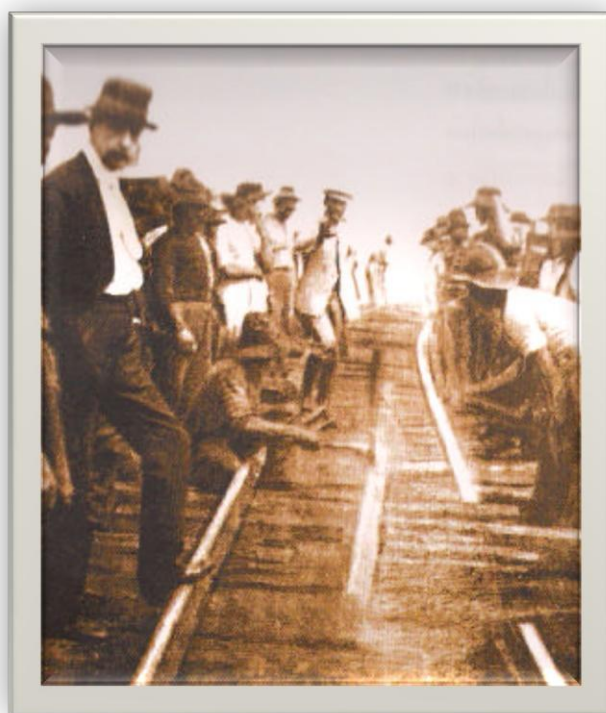
³ Caldeamento cultural refere-se à mistura de raças ou etnias de várias regiões do país.

meio de Corumbá, na fronteira com a Bolívia. O ponto inicial da rota de ligação foi o Porto de Santos, à beira do oceano Atlântico, com acesso pela ferrovia Santos-Jundiaí, até o Pacífico, em um porto Chileno.

Ainda segundo a autora, a construção da ferrovia partiu de duas vertentes, uma de Porto Esperança/MS e outra de Bauru/SP; a empresa que administrou a construção constituía-se de capital misto: brasileiro, franco e belga. Começaram então a edificação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB).

Campestrini e Guimarães (1997) complementam afirmando que, em 1908, o projeto chamado Itapura-Cuiabá foi alterado para Itapura-Corumbá, e incluiu-se ao traçado a cidade de Campo Grande, com isso, os trilhos chegaram à cidade, em 1914, fazendo ligação entre Bauru e Porto Esperança (figura 13).

Figura 13 - Estação de ligação em 1914



Fonte: Arruda (2009, p.112)

A ferrovia que recebeu o nome de Esplanada da Noroeste do Brasil contemplou a parte operacional com estação, oficinas, depósitos e residências dos

funcionários, na cidade de Campo Grande, isso em função do vasto crescimento do transporte de cargas e passageiros.

Produtos como charque passaram a ser produzidos em função dos estoques altos de bovinos baratos, que foram intensificados na época e estimulou o escoamento da produção dos muitos saladeiros que se instalaram ao longo da linha férrea. (GRECO, 2011).

A direção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil percebeu Campo Grande, como uma cidade promissora, o que atraiu muitos investimentos no período entre 1914 e 1918. (IDEM).

Segundo dados do IPHAN (1994), a ferrovia foi inaugurada em 12 de outubro de 1914 em Campo Grande, e a vinda da NOB foi vista como uma oportunidade de desenvolvimento e também de integração entre as cidades por onde os trilhos passavam (figuras 14 e 15).

Figura 14 - Inauguração da ferrovia em 1914



Fonte: Arca (2011, p. 24)

Figura 15 - Chegada do trem na ferrovia Noroeste do Brasil



Fonte: IPHAN- Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em:
<http://migre.me/pY2zc>. Acesso em 20 fev. 2015

O ano de 1914 foi marcado pela mobilidade, modernidade, velocidade, progresso, trem, Maria Fumaça, apito, silvo no ar limpo da vila de Santo Antônio de Campo Grande. Foi o ano do futuro, do ranger das rodas de ferro nas paralelas de aço, do balanço metálico, foi o ano que o povo da vacaria cavalgou o cavalo de ferro. (ROSSI, 2003).

No aporte de Greco (2011), a construção da ferrovia envolveu grandes negociações e interesses políticos, sendo vista como promessa de empregos e oportunidades para os marginais/trabalhadores e também casamentos para as mocinhas e fregueses para as prostitutas. Essas promessas foram inclusas no imaginário coletivo da população que desejava o progresso, pois a construção da ferrovia atraiu muitos imigrantes.

Arruda (2009) assinala que a cidade de Campo Grande era esquecida no meio do sertão, embora pequena e pouco habitada, era violenta, tinha apenas uma rua, sem espaço para os diferentes. “No início do século, o sertão, do então Mato Grosso, era uma região longínqua demais, quase inacessível, talvez perdida dos rumos da civilização, Campo Grande fazia parte daquele espaço que em breve entraria para história pelos trilhos da NOB” (ARRUDA, 2009, p.11).

A chegada da ferrovia a Campo Grande fez com que o espaço urbano fosse dividido, um lado dos trilhos foi ocupado pelos comerciantes e fazendeiros, o outro, pelos imigrantes vindos de vários países, como italianos, espanhóis, portugueses e principalmente japoneses o que contribuiu para uma diversidade de culturas. (GRECO, 2011).

A história de Campo Grande foi marcada pela construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que trouxe grandes impactos no dia a dia dos poucos habitantes da cidade, foi sinônimo de desenvolvimento e modernidade e contribuiu fortemente para a política econômica dos próximos anos. (ARRUDA, 2009).

Entretanto, além dos aspectos políticos e econômicos, a construção da ferrovia trouxe outros significados e mudanças sociais que impactaram a sociedade da época. A pequena cidade foi dividida entre dois espaços: dos ricos e dos pobres, um dos impactos sociais da época oriundos da ferrovia. (GRECO, 2011).

De acordo com a Revista ARCA (2000, p. 23):

O apito do primeiro trem abriu para Campo Grande a possibilidade de transformar-se em centro socioeconômico e político do Sul de Mato Grosso. [...] Além da influência exercida na organização espacial da cidade, a construção da ferrovia provocou o afluxo de expressivo número de passageiros em trânsito e de migrantes, possibilitando o intercâmbio de culturas, a renovação de idéias e novas oportunidades de negócios. O incremento da exportação de gado via ferrovia, propiciou o crescimento do rebanho e da renda dos fazendeiros. Casas comerciais, hotéis, bares e restaurantes foram abertos e os espaços de lazer passaram a ser mais valorizados.

Cabe destacar que a implantação da ferrovia nas cidades por onde os trilhos passavam foi vista como sinônimo de progresso e modernização. Contudo há também outros aspectos a serem considerados. Segundo a revista Arca (2000), a expansão da ferrovia parecia não se deter em nenhum obstáculo, eram todos transpostos, a natureza derrubada dava lugar ao tão esperado progresso. Há ainda um viés social, pois, a expansão das estradas de ferro provocou o desaparecimento da memória vinculada aos espaços tradicionais de encontro e convivência dos habitantes: as pousadas, vendas, entre outros locais onde a cultura popular era construída e transmitida via relações interpessoais e criou outros espaços.

Assim, como pessoas, as cidades padecem ou se beneficiam de fatos que ocorrem durante seu desenvolvimento. Uns denominam esses acontecimentos de sorte ou azar, outros de bênção ou castigo, a história da NOB não foge a essa lógica. É importante levar em consideração a realidade daquele tempo, onde as terminologias como ecologia, minorias e direcionamentos humanos, tão usados atualmente, não constavam em dicionários. Esse empreendimento, como todos os outros, trouxe mudanças profundas para a região, provocando manifestações contra e a favor que chegaram até nossos dias. (MÔNACO, 1999, p.95)

O autor evidencia esse implacável caminho do tempo, experimentado como passado histórico que pode ser visto pelo olhar do insatisfeito, e recebe as mais duras críticas e também o perdão pelos mais absurdos erros cometidos durante a sua construção.

A construção da ferrovia, além da divisão espacial, estava dividida em dois mundos urbanos: o lado dos fazendeiros e comerciantes e o dos trabalhadores; o mundo dos ricos e dos pobres marca uma abordagem não idealizada pelo conceito de desenvolvimento local, que considera além de um enfoque econômico, aspectos sociais, como a cultura local e o desenvolvimento endógeno.

Com o desenvolvimento econômico, Campo Grande, aos poucos, foi se transformando no maior centro comercial regional da época, tinha duas agências bancárias, padarias, agências de automóveis, fábricas de gelo, massas alimentícias, marcenarias, hotéis, entre outros. (MÔNACO, 1999).

Esse autor evidencia que a privilegiada posição geográfica da cidade e a rapidez dos transportes ferroviários foram fatores impulsionadores para transformar Campo Grande em centro de todas as transações da região, ocasião em que anualmente, boiadeiros vindos de outros Estados, principalmente de São Paulo, Minas Gerais e Paraná, pleiteavam uma produção pecuária na região.

Entretanto, com o passar dos anos e novos acontecimentos, a ferrovia NOB foi perdendo sua relevância e popularidade em função da construção das rodovias. O autor afirma que a velocidade e conforto do transporte rodoviário foram as razões da perda do prestígio do tão esperado trem. Os acontecimentos se perderam no tempo e outros movimentos continuaram transformando a trajetória das cidades.

A Ferrovia NOB em Campo Grande foi tombada em 2009, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), considerada como patrimônio histórico e cultural da cidade, um marco no desenvolvimento da região Centro Oeste, pois impulsionou o progresso e o crescimento populacional, assim como também a diversidade cultural e integração de seus territórios.

A revitalização da ferrovia aconteceu em 2011 com a conservação das cores originais. (Figuras 16 e 17).

Figura 16 - Ferrovia NOB em 1976



Fonte: Disponível em: <http://migre.me/rBTb3>. Acesso em 10 jul. 2015

Figura 17 - Ferrovia NOB em 2011



Fonte: Disponível em: <http://migre.me/rBSQ8>. Acesso em 10 jul. 20 15

As figuras 16 e 17 corroboram para evidenciar a conservação do patrimônio histórico e cultural da cidade, percebendo-se que as características arquitetônicas da ferrovia NOB foram preservadas. O projeto de revitalização contempla a orla no complexo ferroviário e no percurso do trem. O armazém na Esplanada Ferroviária, que faz parte do centro cultural da cidade foi adequado para eventos culturais. (Figuras 18, 19).

Figura 18 – Armazém Cultural



Fonte: Disponível em: <http://migre.me/rBumZ>. Acesso em 10 jul. 2015

Figura 19 – Orla Morena



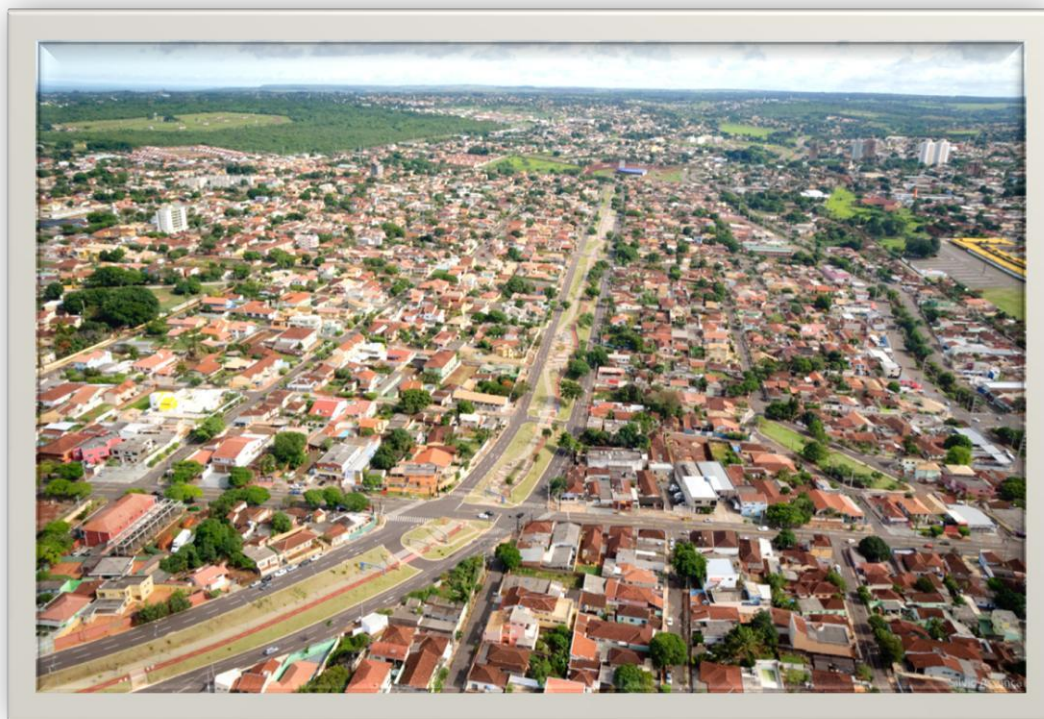
Fonte: Disponível em: <http://migre.me/rBVsu>. Acesso em 10 jul. 2015

O Hotel Gaspar, objeto deste estudo, foi construído no complexo da Estação Ferroviária de Campo Grande-MS, em 1954, sendo um empreendimento familiar, de imigrantes portugueses que vieram trabalhar na manutenção da ferrovia NOB. De acordo com Arruda (2009), o hotel foi construído com quatro pavimentos de apartamentos e varanda na esquina, cumprindo a função social de sacada coletiva. Foi, durante muito tempo, o principal estabelecimento do gênero na cidade de Campo Grande, hospedando pessoas ilustres, artistas e empresários que visitavam a cidade. Antônio Gaspar, proprietário, costumava afirmar que o trem e o ônibus eram os principais meios de transporte para se chegar à cidade.

A família Gaspar é considerada pioneira no ramo de hotelaria na cidade de Campo Grande/MS, seu fundador vislumbrou uma oportunidade com a chegada dos trilhos na cidade, visto que muitos turistas e comerciantes que chegavam à localidade não tinham onde se hospedar. Assim, a pequena vila de moradores foi se transformando em uma cidade polo-econômico. A partir de então, foi considerada como um promissor núcleo urbano, centro comercial, econômico, político e estratégico para circulação de mercadorias. (ARCA, 2000).

O cenário do Hotel Gaspar como patrimônio histórico e cultural de Campo Grande começou a mudar em 2004, quando o hotel completou 50 anos, e o então prefeito André Puccinelli, ampliou a avenida Mato Grosso, levou a Feira Central para essa região, reestruturou a Esplanada dos Ferroviários e iniciou o processo de revitalização de todo esse complexo, o que foi muito bom para o hotel e, nessa época, a prefeitura de Campo Grande procurou a gerente a fim de discutir e iniciar o processo de tombamento considerando que o hotel faz parte do centro cultural da cidade. (Figura 20).

Figura 20 – Visão panorâmica da Orla Morena



Fonte: Disponível em: <http://migre.me/rBUTf>. Acesso em 10 jul. 2015

O Hotel Gaspar continua em funcionamento, é um dos mais antigos da cidade, completou em agosto deste ano de 2015, 61 anos. Permanece com grande parte de sua estrutura preservada pela terceira geração que o reconhece como patrimônio histórico e cultural da cidade. Considera-se parte da biografia viva campo-grandense em tempos atuais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente seção apresenta os dados referentes à aplicação de entrevista com um roteiro semiestruturado, com questões objetivas e subjetivas (apêndices A e B). A elaboração do roteiro teve por base as informações obtidas na revisão de literatura e nas evidências proporcionadas pelo estudo exploratório. Como premissa essencial, baseou-se na história oral e na experiência das narrativas.

O objeto de estudo é o Hotel Gaspar em Campo Grande/MS. A população-alvo da pesquisa refere-se aos hóspedes mensalistas, (que moram no hotel); os hóspedes circulantes (que o frequentam esporadicamente) e gestores do hotel (duas netas e o esposo de uma delas), que corresponde a 46 pessoas, sendo 13 hóspedes mensalistas, 30 hóspedes circulantes ao mês, em média, e 03 gestores. Para Collis e Houssey (2005) a população-alvo refere-se a um grupo de pessoas ou itens considerados para a finalidade de pesquisa

A amostra do presente estudo corresponde a 08 pesquisados, 05 hóspedes mensalistas e 03 gestores do hotel. De acordo com Collis e Houssey (2005) uma amostra é constituída por alguns dos elementos de uma população. Quanto à amostragem, definiu-se pela probabilística e a técnica utilizada para seleção da amostra foi por conveniência.

Para preservar a identidade dos respondentes optou-se por denominar cada um dos sujeitos da pesquisa por letras (figuras 21 e 22), para não expor tais indivíduos pesquisados.

Figura 21 – Identificação dos hóspedes mensalistas

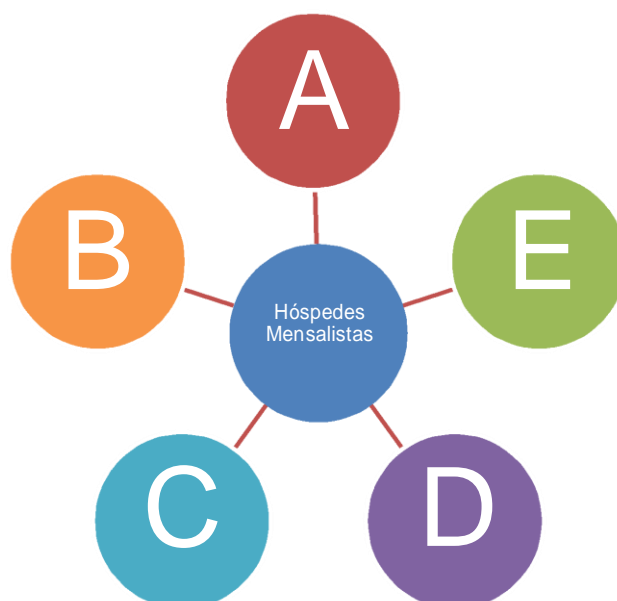
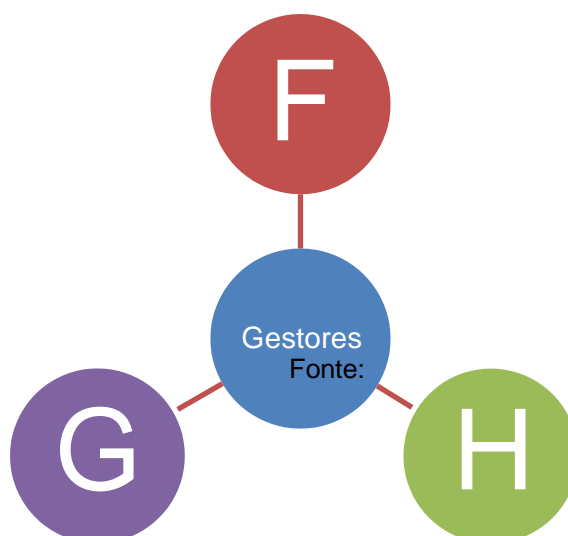
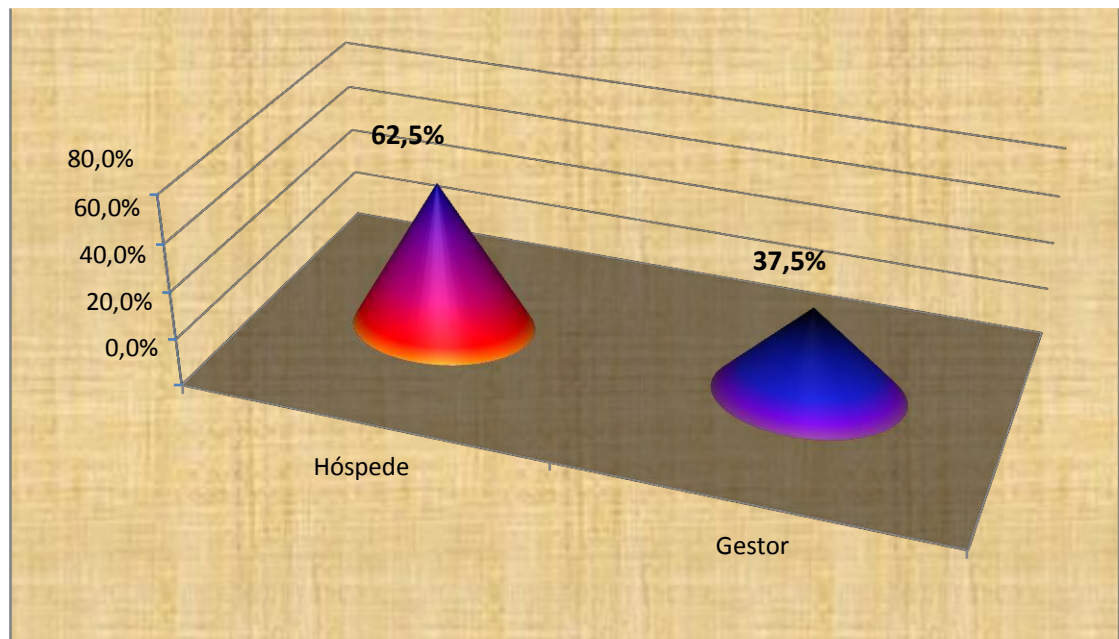


Figura 22 – Identificação dos gestores



Impera destacar que grande parte desta pesquisa é baseada na percepção dos hóspedes mensalistas que moram no hotel, conforme gráfico 1.

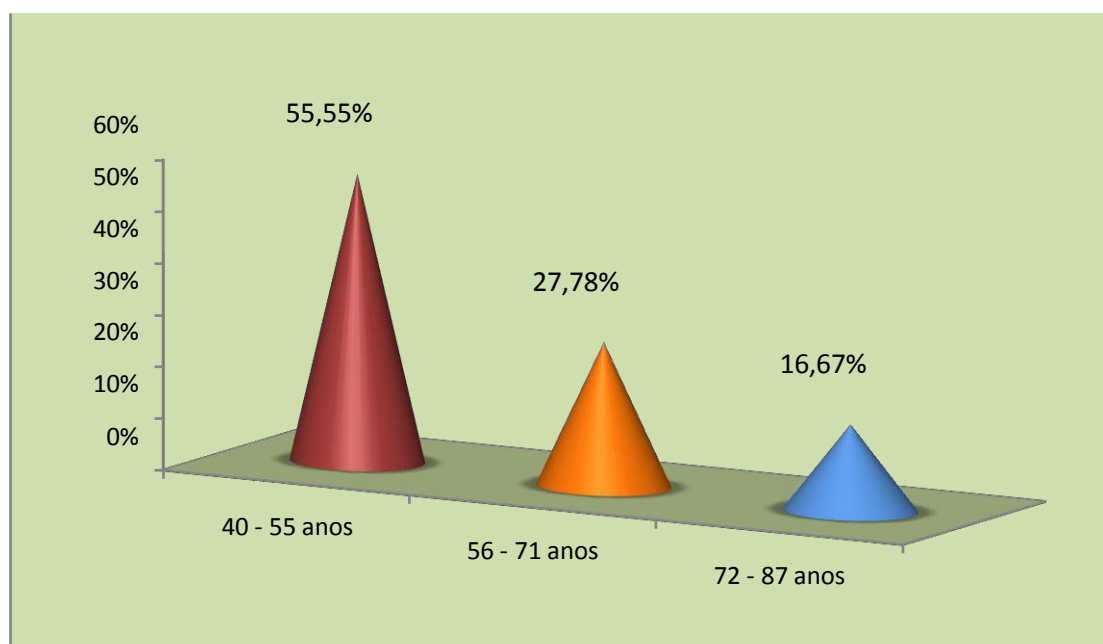
Gráfico 1 – Amostra da pesquisa



Inicialmente, apresentam-se em forma de gráficos as características sociodemográficas dos hóspedes mensalistas e gestores do hotel sujeitos da pesquisa. Posteriormente, apresentam-se dados sobre o hotel, informações sobre as relações dos hóspedes com o hotel e hóspedes com suas relações interpessoais.

No gráfico 2, foi apresentada a idade dos hóspedes mensalistas e gestores do hotel. A idade das pessoas, de forma geral, poderia influenciar seus projetos de vida, sendo que os mais jovens teriam maiores expectativas e estariam mais predispostos a promover projetos com maior durabilidade e riscos, enquanto os mais idosos estariam mais propensos à seguridade e tranquilidade. (RIBEIRO, 2003, apud MERIGHI, 2004).

Gráfico 2 – Idade dos hóspedes mensalistas e gestores do hotel



A média de idade entre os hóspedes mensalistas é de 66 anos. Fica evidente que a maioria dos hóspedes é idosa, pois segundo Camarano e Pasinato (2004) são consideradas idosas as pessoas com 60 anos ou mais.

Cabe salientar o que Bosi (1987, p. 41) evidencia sobre a memória dos velhos quando afirma que:

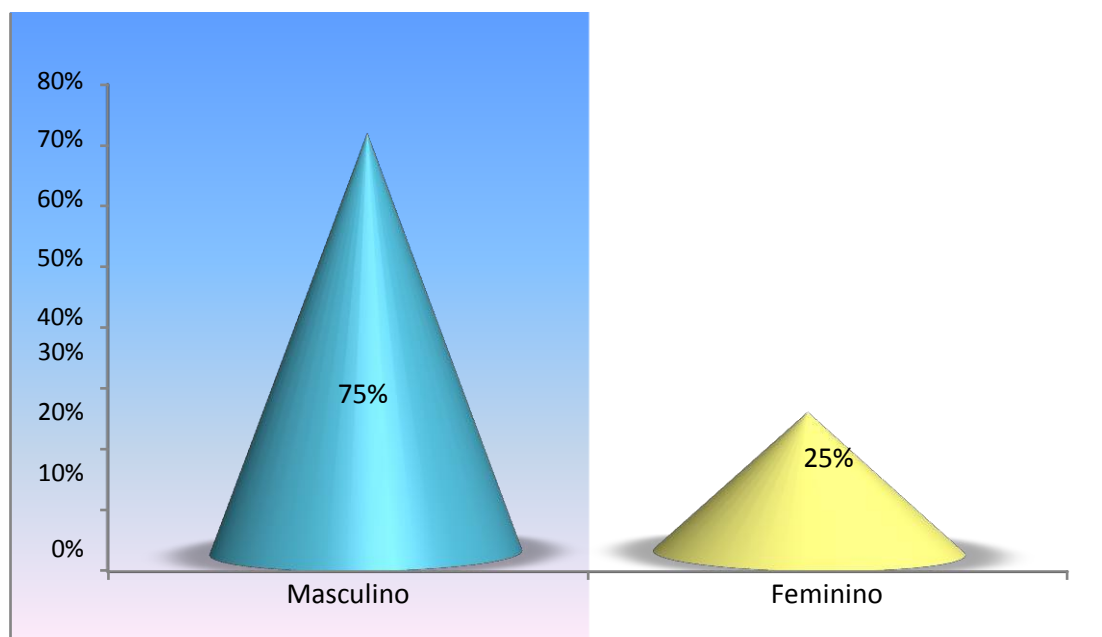
A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda repassada à nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento de paisagens caras, pela desapareição de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual.

Na perspectiva da autora e diante da idade dos entrevistados, a conversa dos idosos é uma experiência profunda, vivenciada por eles e repassada com certa nostalgia. É importante saber ouvir, e nesse caso, refere-se a ouvir a sua essência, pois se apresenta carregada de riqueza e potencialidades criadas pela cultura local.

Predomina-se no gráfico 3 o gênero masculino, sendo que todos os hóspedes mensalistas respondentes da pesquisa são homens. O gestor H relaciona esse contexto à cultura dos viajantes que marcou a cidade de Campo Grande na época, já que grande parte dos hóspedes eram comerciantes homens. Essa característica o

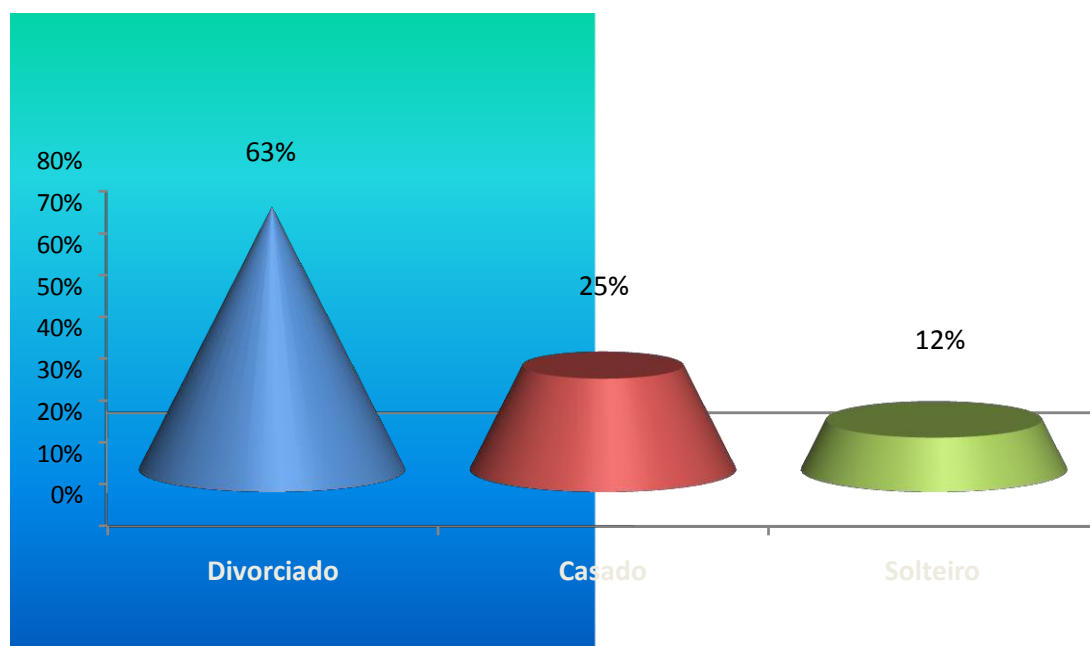
hotel não perdeu, porque ainda há representantes de empresas que se hospedam no hotel e em sua maioria continua sendo homens.

Gráfico 3 – Gênero dos hóspedes mensalistas e gestores do hotel



Observa-se, no gráfico 4, que o estado civil dominante entre os hóspedes mensalistas e gestores do hotel é divorciado, mas há também casados e solteiros, só que em uma proporção bem menor.

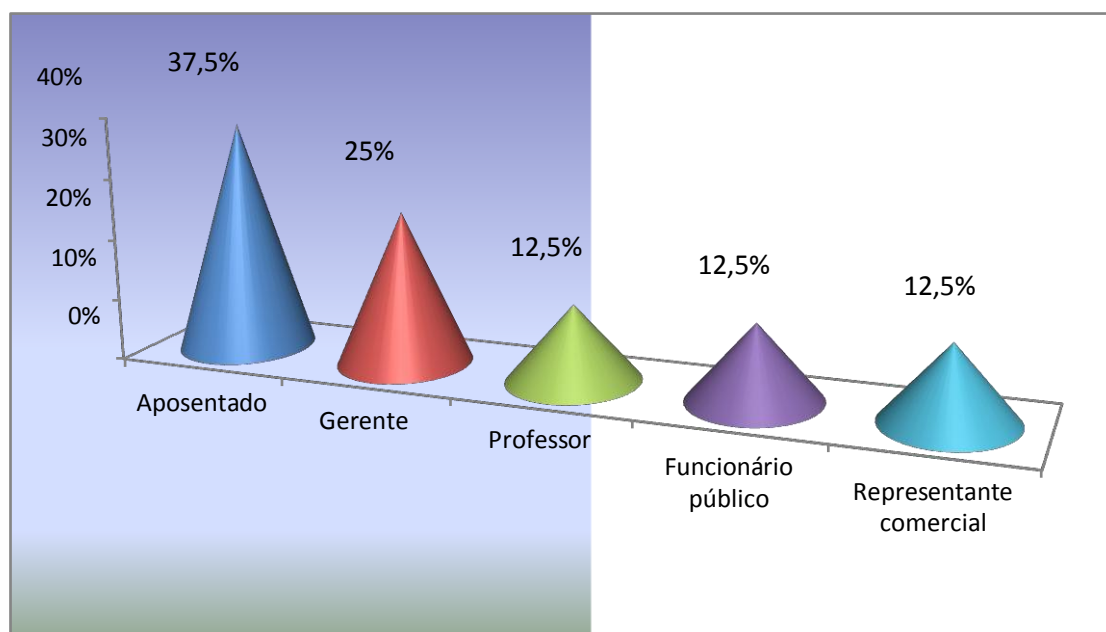
Gráfico 4 - Estado Civil dos hóspedes mensalistas e gestores do hotel



A maioria dos hóspedes mensalistas constituiu família, possuem filhos, contudo, hoje, são divorciados e moram no hotel. O hóspede B comenta sobre um nicho de mercado, o aumento de pessoas que vivem sozinhas como: divorciados, viúvos, ou até mesmo solteiros por opção, que gostariam de morar em um hotel, Para esse hóspede, morar em um hotel é um estilo de vida e morar em uma casa implicaria toda uma estrutura e até despesas maiores. Esse hóspede remete também aos idosos que precisam de um lugar para morar, o hotel poderia substituir as casas de idosos, considerando, é claro, idosos que têm uma qualidade de vida saudável e bom poder aquisitivo.

No gráfico 5, quanto à atividade profissional, predomina entre os hóspedes mensalistas o aposentado, no entanto, identifica-se um grupo de pessoas com atividades profissionais variadas. Quanto aos gestores, não são aposentados ainda e mantêm a atividade.

Gráfico 5 – Atividade profissional dos hóspedes mensalistas e gestores do hotel



Cabe destacar a coletividade e o patrimônio que, para Funari e Pelegrini (2006), não são apenas a soma de indivíduos. A coletividade é construída por grupos diversos, em constante mutação, com interesses distintos e não raro conflitantes, pois uma mesma pessoa pode pertencer a diversos grupos, e no decorrer do tempo, mudar para outros. Assim, passa pelos grupos de faixa etária: crianças, adolescentes, adultos e idosos. Passam ainda de estudantes a profissionais e aposentados. São inúmeras as coletividades que convivem em constante interação e mudança.

Houve uma época, em que a maioria dos hóspedes era representante de empresas. Campo Grande na ocasião ainda não era um polo econômico e tudo que era vendido na cidade era por meio de representantes ou vendedores de empresas, que traziam seus produtos de outros estados para os então mato-grossenses do estado uno.

O hotel ainda possui essa característica de atrair representantes de empresa, no entanto, de forma menos acentuada, isso em função do processo de crescimento e modernização da cidade, assim como também da evolução tecnológica e, atualmente, com o advento da internet as pessoas podem comprar e vender

produtos por esse meio, proporcionando muito mais informação e interatividade, sem a necessidade da presença física.

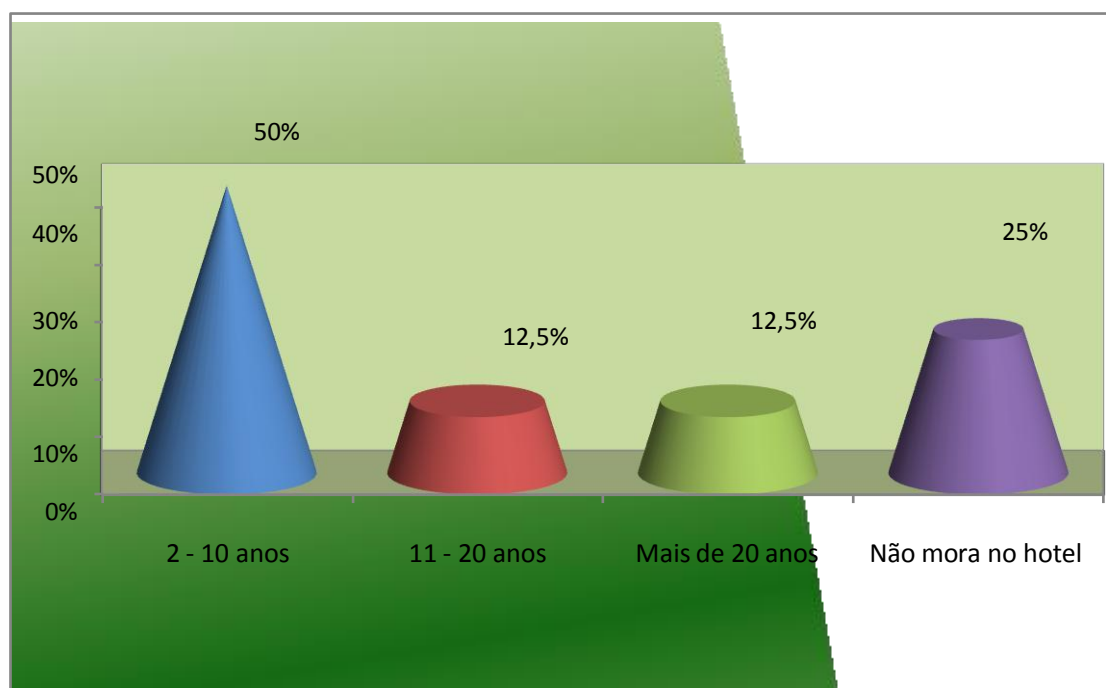
O hóspede B recorda que a sociedade da época conhecia a figura do viajante que percorria o país para vender produtos de suas empresas. Em 1950, não havia a cultura de viajar, os movimentos nos hotéis eram desses profissionais e, naquela época, costumavam se hospedar no Hotel Gaspar muitos viajantes autênticos. Pode-se retomar o que Cabral (1999) afirma sobre os mascates que fortaleceram o comércio de Campo Grande.

Antônio Gaspar foi considerado pai dos viajantes. O gestor F assinala que Antônio Gaspar veio a Campo Grande receber uma dívida e também vender dormente para manutenção da NOB. Era, portanto, um viajante, que ficou encantado com Campo Grande, adorou a água da cidade e nunca mais foi embora.

Ao longo da história do hotel, muitos hóspedes ali estiveram, tais como: médicos, advogados, estudantes, pessoas do governo. O hóspede B comenta que o ex-presidente Jânio Quadros foi um hóspede ilustre que frequentou o hotel na época. Hospedavam-se também pessoas do interior do Estado, os corumbaenses contam que seus avôs se hospedaram no hotel, o que está de acordo com o que Cabral (1999) evidencia, visto que os corumbaenses eram a maioria dos imigrantes que chegavam à cidade.

Observa-se, no gráfico 6, uma das características peculiares do Hotel Gaspar: os hóspedes mensalistas, que fazem do hotel a sua casa. Os mais antigos moradores estão lá há mais de 20 anos.

Gráfico 6 – Tempo de moradia dos hóspedes mensalistas e gestores do hotel



O hóspede A mora há 35 anos no hotel, conheceu Antônio Gaspar e sua esposa Mariana, afirma que é como se todos fossem uma família, sempre foi assim, desde a gestão dos fundadores. Há um sentimento de pertença ao lugar. Para Tuan (1983, p. 37.), “o lugar pode adquirir profundo significado para o adulto através do contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos”.

Percebe-se que o hóspede A sente-se parte da família Gaspar, cujo sentimento foi criado ao longo dos anos vividos no hotel. O hóspede B complementa que:

O ser humano por mais que ele queira ficar isento aos acontecimentos que o rodeia, ele não consegue. Se você fica em local por muito tempo, a estrutura física, a história do local também passa a fazer parte da sua vida. O dia-a-dia, a interação de ideias, eu contribuo para formação de uma pessoa e ela também contribui para a minha.

Fica evidente que o hóspede B tem sua história entrelaçada com a história do hotel e das pessoas que fizeram parte dessas relações interpessoais edificadas ao longo do tempo. Nesse sentido, Halbwachs (2006, p. 161) explana que:

O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro-negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras. Como a imagem do quadro-negro poderia recordar o que nele traçamos, se o quadro-negro é indiferente aos números e se podemos reproduzir num mesmo quadro as figuras que bem entendermos? Não. Mas o local recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável.

Percebe-se que o tempo de moradia no hotel, a convivência, a vida em comum dos hóspedes mensalistas e gestores ao longo dos anos emergiu uma vida repleta de interrelações e uma simbiose de acontecimentos.

Para Martins (2002), quando se fala de „local“ refere-se à escala das interrelações pessoais da vida cotidiana. Uma base territorial em que se estabelecem as suas identidades. O lugar é esse alicerce territorial, a paisagem de reproduções e das práticas humanas, o „espaço de convivência humana“, onde se localizam os desafios e as potencialidades do desenvolvimento.

Na visão de Certeau (1994) o cotidiano está nas práticas sociais, nas relações diárias que são partilhadas, nas opressões do presente vivido e sentido, é aquilo que prende intimamente, está em si mesmo, na invisibilidade. Ainda de acordo com esse autor, essas práticas sociais podem ser consideradas como cultura, mas não necessariamente é reconhecida como tal pois para que seja além dos protagonistas, é preciso que essas práticas tenham significado para aqueles que as realizam.

Os respondentes demonstraram saber a origem do nome do hotel, oriundo do sobrenome do seu fundador Antônio Gaspar. O Gestor F enfatiza que Gaspar veio a Campo Grande vender dormentes e receber uma dívida e com sua visão de futuro comprou um terreno próximo à ferrovia NOB e construiu um dos primeiros hotéis da cidade, que recebeu o nome de „Hotel Gaspar“, um empreendimento familiar e moderno para sua época.

Quando o hotel foi construído, no complexo da Ferrovia NOB, alguns não viram como uma oportunidade de sucesso, visto que a ideia de construir um hotel próximo à ferrovia poderia causar problemas em função do barulho e, na verdade,

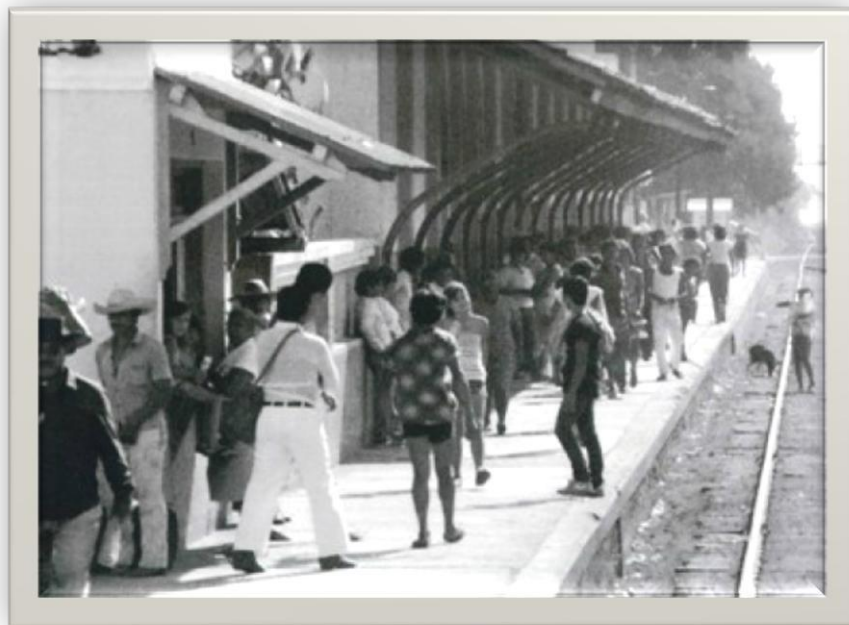
foi muito estratégico, o hotel estava próximo à ferrovia e à linha de ônibus que fazia embarque e desembarque na calçada do hotel. Quando o trem ou ônibus chegavam, o hotel era o primeiro lugar procurado para se hospedar, ocasião em que muitos viajantes desciam do trem e usavam charretes para chegar ao hotel, pois as bagagens às vezes eram muitas (figuras 23, 24).

Figura 23 - Estação Ferroviária



Fonte: Disponível em: <http://migre.me/rBTb3>. Acesso em 10 jul. 2015

Figura 24 - Estação Ferroviária



Fonte: Disponível em: <http://migre.me/rBTb3>. Acesso em 10 jul. 2015

Antônio Gaspar foi um empreendedor que, segundo Dolabela (1999), é um ser social, produto do meio em que vive (época e lugar).

O hotel continua sendo um empreendimento familiar e atualmente é administrado pela terceira geração. Um ambiente caseiro, característica idealizada pelo seu fundador, é percebido pelos hóspedes como um lugar aconchegante, permeado por sentimentos como amizade, confiança mútua, marcado pela personalidade. O *slogan* do hotel é „a sua casa em Campo Grande”.

O lugar é o produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade. (CARLOS, 2007, p. 29).

Cabe destacar o conceito de capital social que para Putnan (1993, *apud* SILVEIRA, 2006, p.21) é:

O conjunto de normas de reciprocidade, informação e confiança presentes nas redes sociais informais desenvolvidas pelos indivíduos em sua vida cotidiana, denomina-se capital social, o que resulta em numerosos benefícios diretos ou indiretos, sendo determinante para a compreensão da ação social.

Impera destacar também um recurso do capital social que é a confiança, que também está presente nas relações dos hóspedes com os funcionários e gestores do hotel conforme mencionado anteriormente. Fukuyama (1996) coloca que as comunidades dependem de confiança mútua e não despontam sem ela, confiança é a expectativa que nasce no seio de uma comunidade de comportamento estável, honesta e cooperativa, baseada em normas compartilhadas pelos membros dessa comunidade.

A comunidade do Hotel Gaspar possui normas divididas entre seus membros e despontam confiança mútua. O gestor F enfatiza que, diferente de um hotel que muitas vezes pode ser percebido como um espaço formal, os hóspedes são identificados pelos números dos quartos, mas no Hotel Gaspar, os hóspedes são reconhecidos pelos nomes, possuindo assim uma identidade.

Costa (2002, p. 27) contextualiza que:

As identidades experimentadas, ou vividas, têm a ver com as representações cognitivas e o sentimento de pertença, reportados os coletivos de qualquer espécie (categorias institucionais, grupais, territoriais, ou outros), que um conjunto de pessoas partilha, emergentes da sua experiência de vida e situações de existência social.

O hóspede A assinala que: “o hotel é a nossa casa, apago as luzes acesas para economizar, já fiquei na recepção, fui abrir o portão do estacionamento quando precisou, somos uma família”.

Tuan (1983, p.83) salienta que “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”. Percebe-se que espaço do hotel é absolutamente familiar para os hóspedes e que possuem uma intimidade com o lugar em que vivem.

Para Antônio Gaspar, o hotel tinha um conceito diferente, foi pensado mais do que um espaço para passar a noite, mas em um lugar para que as pessoas pudessem descansar e se sentirem à vontade, como se estivessem em sua casa, não somente no sentido de uma estrutura física para ficar, mas um lar, aconchegante, fazendo do hotel a sua casa.

Cabe enfatizar o lugar como espaço de solidariedade ativa. O espaço local é a base territorial da convivência cotidiana, na qual a cooperação e a solidariedade se fazem pela convivência, a contiguidade, as relações familiares, as emoções e sentimentos compartilhados. A complexa rede de interações locais, a solidariedade social exercida no lugar, quando se intensificam e assumem um sentido, é a força impulsora do desenvolvimento e do caminho para solução das dificuldades impostas pela vida das pessoas. (CARPIO, LE BOURLEGT, MARTÍN, 1999)

Ressalta-se que o tempo de existência do hotel é do conhecimento dos hóspedes e gestores sujeitos da pesquisa. O gestor F ratifica que a modernidade, o progresso e o desenvolvimento chegaram a Campo Grande, ainda uma vila, juntamente com a construção da Ferrovia NOB em 1914. O hotel existe desde a década de 50 inaugurado em 26 de agosto de 1954 no aniversário da cidade.

Em 2015, Campo Grande completou 116 anos e o Hotel Gaspar 61, quase metade da história da cidade está entrelaçada com a história do hotel, que acompanhou parte do desenvolvimento da capital sul-mato-grossense.

No aporte de Bosi (2001, p. 418) “cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história. O causal das lembranças, correndo sobre o mesmo leito”.

Ao longo dos anos, cada geração que viveu e acompanhou o processo de desenvolvimento de Campo Grande tem memórias, individuais ou coletivas, de fatos, acontecimentos que marcaram a história da cidade. O mesmo ocorre com todas as gerações que acompanharam o processo de desenvolvimento do Hotel Gaspar no decorrer de sua história.

Ao perguntar sobre a história, os respondentes recordam fatos vivenciados ao longo dos anos da trajetória do Hotel Gaspar. Há acontecimentos pitorescos, um deles é que algumas pessoas pulavam o muro da ferrovia, para ter acesso mais rapidamente ao hotel, que se tornou uma referência na cidade. Outro fato, a lavanderia foi transformada em guichê para venda de passagens de ônibus municipais e interestaduais, dado o aumento do número de passageiros.

Entre os hóspedes ilustres que estiveram no Hotel Gaspar estão os ex-presidentes: Jânio Quadros e Emílio Garrastazu Médici, além de artistas, como Cauby Peixoto e Ângela Maria.

O hóspede B rememora ainda que por algum tempo o hotel serviu almoço e jantar, era um evento social, pratos da cultura portuguesa como bacalhoadas eram servidos. O estabelecimento foi considerado por muito tempo uma referência nacional.

Corroborando o hóspede A que o Hotel Gaspar era sinônimo de Campo Grande, pois em São Paulo, quando se falava em ir a Campo Grande, as pessoas já sabiam onde se hospedar. Rememora ainda que o hotel foi o primeiro empreendimento a ter elevador e um dos primeiros a ter luz elétrica (figura 25).

Figura 25 - Antônio Gaspar fazendo a ligação da luz elétrica no hotel



Fonte: Disponível em: <http://migre.me/pY2Cd>. Acesso em 20 fev. 2015

A figura 25 relembra o momento em que Antônio Gaspar fez a ligação da luz elétrica no hotel, tempo em que a luz ainda era bem fraquinha mas, sem dúvida, representava a modernidade da época que chegava a Campo Grande. A história local é da particularidade, apesar de que se determina pelos seus componentes universais. Isto é, embora na escala local raramente sejam visíveis as formas e conteúdos dos grandes processos históricos, ganha sentido por meio daquilo que quase sempre está oculto e invisível “[...] é no âmbito do local que a história é vivida e é onde, pois, tem sentido”. (MARTINS, 1996 *apud* CARLOS, 2007, p.20).

Foi perguntado também aos sujeitos da pesquisa se modificariam alguma parte da estrutura do hotel e a maior parte dos respondentes evidenciou que a estrutura não deve ser modificada. Elucida o hóspede B que não transformaria a estrutura do hotel, por um motivo muito forte, pelo aspecto cultural. “Mudar a estrutura do Hotel Gaspar seria apagar um trecho da história de Campo Grande”.

Figura 26 – Hotel Gaspar 1954



Fonte: Disponível em: <http://migre.me/rBTb3>. Acesso em 10 jul. 2015

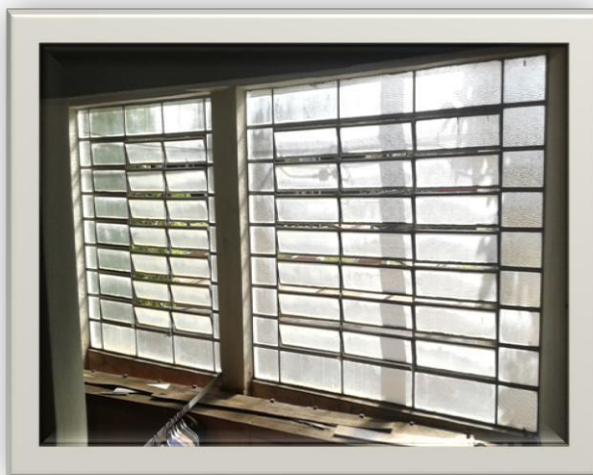
Figura 27 - Hotel Gaspar 2015



Fonte: Silva (2015)

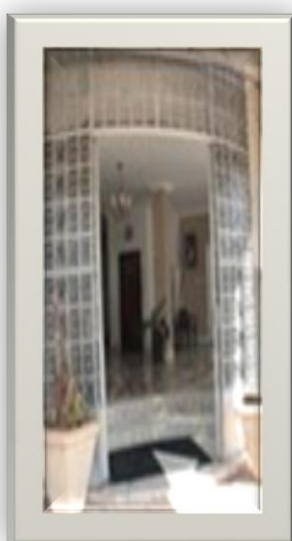
As figuras 26 e 27 remontam um comparativo do hotel no ano de 1954 quando foi inaugurado até o ano de 2015. Percebe-se que a estrutura do hotel foi mantida desde seu projeto original. Foram feitas pequenas alterações, mas grande parte da estrutura é preservada, como se observa também nas janelas, portas e pisos que permanecem intactos (figuras 28, 29 e 30).

Figura 28 – Janelas do Hotel Gaspar



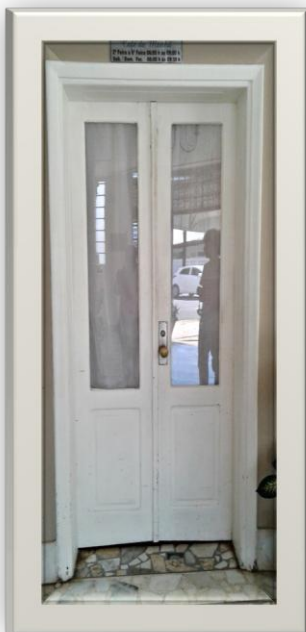
Fonte: Silva (2015)

Figura 29 - Porta de entrada do Hotel Gaspar



Fonte: Silva (2015)

Figura 30 - Porta interna do hotel Gaspar



Fonte: Silva (2015)

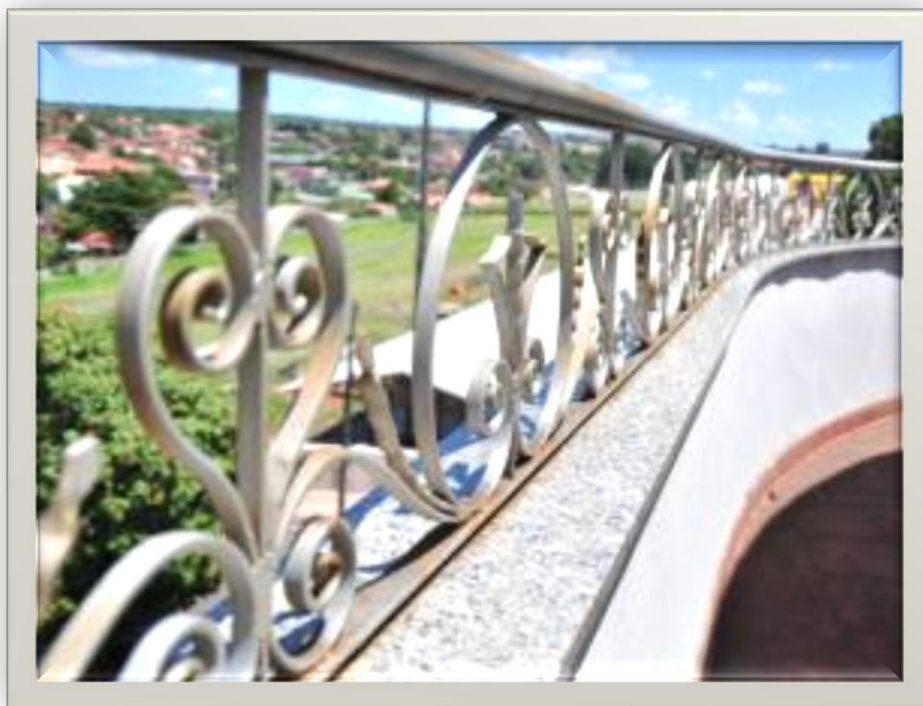
O hóspede A realça que o hotel deve ser restaurado e deixa claro que não se trata de uma reforma. Evidencia que a estrutura original deve ser preservada.

Funari e Pelegrini (2006) destacam a valorização do patrimônio cultural e a necessidade de reabilitar os centros históricos. Na atualidade, constituem premissas básicas dos debates sobre o desenvolvimento local, pois esses centros representam a síntese da diversidade que caracteriza a própria cidade. Nessa perspectiva, a reabilitação dos centros históricos potencializa a identidade coletiva dos povos e promove a preservação dos bens culturais, materiais e imateriais, além é claro de contribuir para o desenvolvimento econômico, social e ambiental.

O hóspede C também afirmou que não modificaria a estrutura do hotel, mencionando que o charme está na sua estrutura, na fachada, janelas, vidros, pisos, que não existem mais e que para muitos podem ser vistos como velho, ultrapassado, mas para ele é muito bonito e possui um significado muito grande. Tuan (1983, p.213) destaca que “o conceito de „antiguidade” é moderno, como também a idéia de que os móveis e prédios velhos têm um valor especial conferido pelo tempo e que devem ser preservados”.

O hóspede B menciona ainda a sacada com estrutura de ferro trabalhada, que hoje não se usa mais, além, de um arzinho de décadas passadas (figura 31), é a marca da Art Déco.

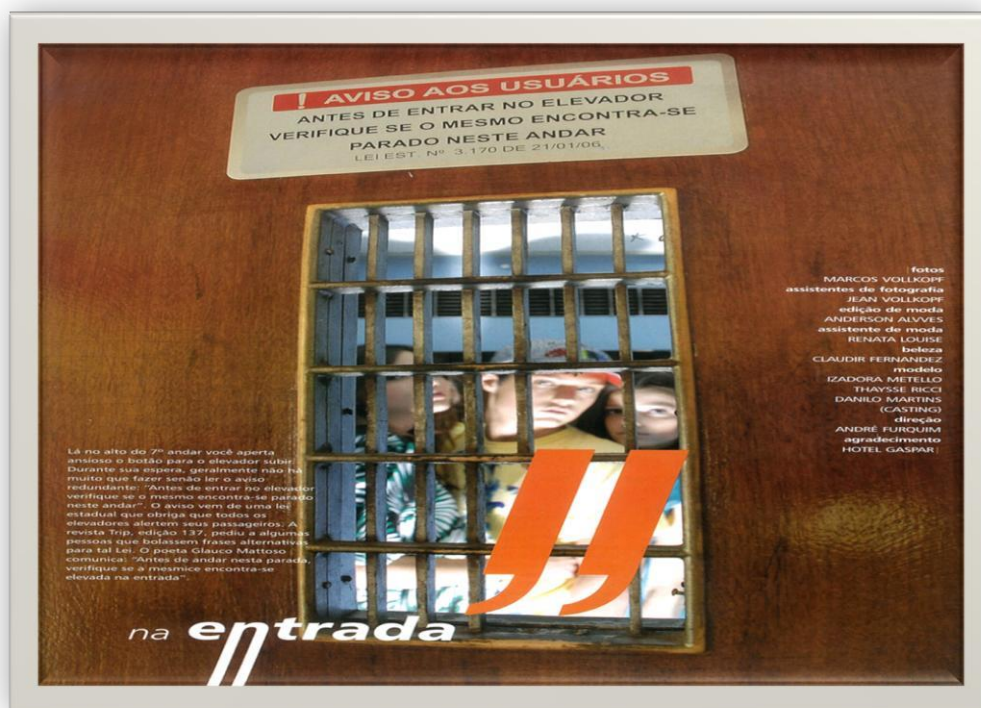
Figura 31 - Sacada do Hotel Gaspar



Fonte: Disponível em: <http://migre.me/pY2GM>. Acesso em 20 fev. 2015

O hotel também é usado por revistas e fotógrafos da cidade para ensaios fotográficos, por preservar o espaço que tem um valor cultural para a sociedade campo-grandense (figura 32).

Figura 32 - Foto tirada no elevador do hotel



Fonte: Revista Ímpar (2006, p. 79).

Ao perguntar aos hóspedes mensalistas sobre o tombamento do hotel apresentaram uma opinião compartilhada de que o hotel deve ser tombado pelo Estado/MS.

Cunha (1992) evidencia que o tombamento deve ser visto com a participação ativa da população, uma ação que envolve democracia e cidadania. A sociedade deve reconhecer o bem tombado e deve identificar-se com ele.

O hóspede A afirma que ele mesmo tem interesse em fazer o pedido de tombamento. Percebe-se uma identidade com o lugar.

O hóspede B evidencia que “a história de Mato Grosso do Sul precisa ser cuidada, e que o hotel como outros patrimônios culturais devem ser preservados. O hotel está integrado ao complexo da ferrovia que foi mantido, e também deve ser tombado”. Os móveis, a estrutura e as memórias do hotel caracterizam uma época.

Avaliar e decidir pelo tombamento de um bem não é uma tarefa fácil, na verdade, bastante complexa. Uma das formas de fazê-lo é atribuindo valor ao bem cultural.

Para Fonseca (1997, p. 30):

Uma vez que as obras de arte são coisas às quais está relacionado um valor, há duas maneiras de tratá-las. Pode-se ter preocupação pelas coisas: procurá-las, identificá-las, classificá-las, conservá-las, restaurá-las, exibi-las, comprá-las, vendê-las; ou, então, pode-se ter em mente o valor: pesquisar em que ele consiste, como se gera e transmite, se reconhece e se usufrui.

O tombamento é realizado pelo poder público, pode ser nas três esferas federal, estadual ou municipal, sendo que o da esfera federal é de responsabilidade do IPHAN. O objetivo do tombamento é preservar bens de valores históricos, culturais, arquitetônicos, ambientais ou afetivos para a sociedade. (IPHAN, 1994)

O tombamento pode ser aplicado a bens móveis ou imóveis considerado como patrimônio material e ainda o patrimônio imaterial de interesse cultural ou ambiental. Um bem tombado não precisa ser desapropriado, pode ser vendido ou alugado, porém deve ser preservado. Toda pessoa física ou jurídica pode fazer a solicitação do tombamento aos órgãos responsáveis. Para requerer o tombamento, o primeiro passo consiste no pedido de abertura de processo, pode ser feito por um cidadão ou instituição pública. O processo passa por uma avaliação técnica e posteriormente é submetido à deliberação dos órgãos responsáveis pela preservação. Caso seja aprovado, é expedida uma notificação ao seu proprietário. A partir desse momento, o bem já se encontra protegido legalmente. O processo termina com a inscrição no Livro de Tombo e comunicação aos proprietários. (IPHAN, 1994),

Todavia cabe salientar que os gestores não pretendem fazer o tombamento do hotel, em função das implicações legais quanto à autonomia da gestão do bem por parte dos donos. O Gestor H menciona que, embora não tenha interesse em fazer o pedido de tombamento, reconhece que o hotel faz parte de um contexto histórico da cidade e, por estar no complexo da antiga estação ferroviária que já foi tombada, é considerado um bem passível de ser tombado e que isso já reflete na gestão e nas mudanças necessárias à preservação do hotel.

Evidencia-se ainda que o tombamento é considerado apenas como um dos meios legais de preservação, emergidos pelo Estado com o objetivo de conservar a memória e valores culturais. (SOUZA FILHO, 1997).

Percebe-se que todos os entrevistados reconhecem o hotel como patrimônio histórico e cultural da cidade. O prédio, os objetos e as recordações possuem grande valor para a comunidade local. Diante desse pressuposto, Tuan (1983, p. 6) assinala que: “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”.

O hóspede B afirma que: “o hotel é uma expressão cultural de Campo Grande” Esse hóspede relata ainda que a cidade cresceu tão rápido que alguns pontos culturais foram esquecidos e que Campo Grande não cuidou de sua história.

O hóspede C descreve as cadeiras que compõem o espaço onde é servido o café da manhã, são feitas de arco de abóboda acompanhando o estilo da época romana (figura 33).

Figura 33 - Espaço para café da manhã



Fonte: Disponível em:< <http://migre.me/pY2gv>>. Acesso em 20 fev. 2015

Os hóspedes mensalistas e gestores do hotel sujeitos da pesquisa reconhecem o Hotel Gaspar como parte da história de Campo Grande. Considera-se o patrimônio cultural com toda sua intensidade e complexidade como um dos principais artefatos no processo de planejamento e ordenação da dinâmica de crescimento das cidades, como elemento estratégico na afirmação de identidade de grupos e comunidades. (FONSECA, 1997).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Preservar o patrimônio cultural de um país, estado ou cidade é extremamente relevante para manter viva a memória de uma sociedade, comunidade ou indivíduo. Sejam memórias individuais ou coletivas, estas devem manter o passado vivo no presente sendo uma forma de conservar elementos patrimoniais, seja bens materiais ou imateriais. É uma maneira de manter objetos, momentos e experiências vividas no passado e que podem e devem ser lembradas no presente e no futuro. A conservação do patrimônio começa a partir da memória, do reconhecimento e valor dado ao patrimônio em si, seja um bem material ou não.

A hipótese levantada foi confirmada uma vez que o Hotel Gaspar é reconhecido pelos campo-grandenses como um bem histórico e cultural. O objetivo geral proposto foi analisar o contexto patrimonial e identitário de Campo Grande-MS em que o Hotel Gaspar está inserido.

O Hotel Gaspar é um dos hotéis mais antigos da cidade, construído em 1954, pela família Gaspar, portuguesa, pioneira no ramo de hotelaria na cidade. O hotel completou 61 anos em 2015, e mantém sua estrutura original preservada. Ao longo dos anos, a história do hotel foi tecida por uma simbiose de acontecimentos e presenciada por várias pessoas que compartilharam e ajudaram a construir a identidade do hotel na comunidade local.

Da chegada da estrada de ferro NOB a Campo Grande surgiram vários significados, como: modernidade e progresso e também discussões sociais procedentes do processo de desenvolvimento da época. Entretanto, não tem como negar a relevância da ferrovia ao crescimento populacional de Campo Grande, assim como também o fomento ao comércio e o reconhecimento da cidade como polo econômico.

A história do hotel está integrada à história da ferrovia NOB e ao processo de desenvolvimento da cidade que juntos partilham memórias individuais e coletivas vivenciadas ao longo dos anos, como: a vinda dos imigrantes que contribuíram para a miscigenação de raças tão marcante na cultura de Campo Grande. Esses imigrantes ajudaram a desenvolver a cidade e muitos se tornaram empreendedores assim como a família Gaspar. Percebe-se a relevância do conceito de

desenvolvimento local, a partir das potencialidades da comunidade local, na qual emergem vários significados como a valorização da cultura, como forma de fortalecer a identidade local e as iniciativas de desenvolvimento endógeno, pautado no tripé econômico, social e ambiental.

Memória e identidade estão presentes no contexto do desenvolvimento local, pois fortalecem as iniciativas locais de desenvolvimento endógeno. A pergunta que norteou a presente pesquisa foi: O Hotel Gaspar é considerado patrimônio histórico e cultural de Campo Grande?

Conclui-se que o hotel faz parte do patrimônio cultural de Campo Grande, possui bens materiais e imateriais com significados, reconhecidos como identidade cultural, faz parte da memória dos fundadores, hóspedes e sociedade campo-grandense. O Hotel não mereceu ainda, por parte das autoridades, seu tombamento, mas todas as iniciativas de preservação foram realizadas exclusivamente pelos familiares descendentes da família Gaspar, que reconhecem a sua importância como patrimônio histórico e cultural da cidade. O imóvel permanece com sua estrutura original e é um referencial para a capital sul-mato-grossense, visto que acompanhou diversas etapas de seu crescimento e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lúcia. Informação e conhecimento na inovação e no desenvolvimento local. **Ciência da Informação**, Brasília, n. 3, v. 33, p. 9-16, set./dez. 2004.

ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALBUQUERQUE, F. **Desenvolvimento local e distribuição do progresso técnico**: uma resposta às exigências do ajuste estrutural. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1998.

ARCA. Revista de divulgação do arquivo histórico de Campo Grande. Italianos, espanhóis e portugueses: diferentes culturas sedimentam identidade de Campo Grande, nº 07, Campo Grande: UFMS, 2000.

ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira. **História da arquitetura de Mato Grosso do Sul** - origens e trajetórias. Campo Grande: Edição do Autor, 2009.

ÁVILA, Vicente Fideles de. **Educação escolar e desenvolvimento local**: realidade e abstrações no currículo. Brasília: Plano Editora, 2003.

ÁVILA, Vicente Fideles de. **Formação educacional em desenvolvimento local**: relato de estudo em grupo e análise de conceitos. Campo Grande: UCDB, 2001.

ÁVILA, Vicente Fideles de. Pressupostos para a formação educacional em desenvolvimento local. **Interações** - Revista Internacional de Desenvolvimento Local, Campo Grande, n. 1, v. 1, set., 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

BRAND, Antonio. Desenvolvimento Local em comunidades indígenas no Mato Grosso do Sul: a construção de alternativas. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, v. 1, n. 2, p. 59-68, Mar., 2001.

BRAND, Antonio; MARINHO, Marcelo; LIMA, Vanusa Ribeiro de. História identidade e desenvolvimento local: questões e conceitos. **História e Perspectiva**, Uberlândia, v. 36/37, p. 363-388, jan./dez., 2007.

BRAZ, Margarida Grazielle; Oliveira Oseias de. Territorialidades religiosas e devoção privada em Irati, PR. **Interações** - Revista Internacional do Desenvolvimento Local. Campo Grande, v. 14, n. 1. p. 107-112, 2013.

CABRAL, Paulo Eduardo. Formação étnica e demográfica. In: CUNHA, Francisco Antonio Maia da (Coord). Campo Grande – 100 anos da construção. Campo Grande: Matriz, 1999.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. Introdução. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org). **Os novos idosos brasileiros**: muito além dos 60?. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES, Acyr Vaz. **História de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Tribunal de Justiça, 1997.

CARLOS, Ana Fani. **O lugar no mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARPIO,J.; LE BOURLEGAT, C.; MARTÍN, S. Los retos Del MS. Entre La globalización y El Desarrollo Local. In: MÁRQUEZ, D. y otros: **Território y Cooperación**. Ageral: Universidade de Sevilla, 1999.

CASTILHO, Maria Augusta de *et al.* **Rota do trem do Pantanal**: O diálogo entre patrimônio e desenvolvimento local. Campo Grande: Life, 2012.

CASTRO, S.R. de. **O Estado na preservação de bens culturais**. Rio de Janeiro: Renovar, 1991.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COELHO, I.S. **Participação e desenvolvimento local em territorialidades societária de risco**: O Caso do Jardim Sayonara de Campo Grande-MS. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2006.

COLLIS, Jill; HUSSEY, Roger. **Pesquisa em administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós graduação. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

COSTA, Reginaldo Brito. Sistemas agrossilvipastoris como alternativa sustentável para agricultura familiar. **Interações** - Revista Internacional de Desenvolvimento Local, Campo Grande: UCDB, v. 3, n. 5, p. 25-36, set., 2002.

CUNHA, M. C. P. Patrimônio histórico e cidadania: uma discussão necessária. In: **O direito à memória**: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

FERREIRA, M. L. M. Patrimônio: discutindo alguns conceitos. **Diálogos** - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 3, p. 79-88, 2006.

FONSECA, M. C. L. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997.

FUKUYAMA, Francis. **Confiança**: As virtudes sociais e a criação da prosperidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

FUNARI, P. P. A.; PELEGRINI, S. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GRECO, Maria Madalena Dib Mereb. **A menina e o trem**: trilhos e memórias. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. 2011.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico. **Famílias e domicílio**. Rio de Janeiro: 2010.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio cultural**. Brasília: Ministério da cultura, 1994.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing**: fFoco na decisão. 3.ed. São Paulo: Pearson, 2011.

MARQUES, H. R. M. *et al.* **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. 4.ed. revisada e atualizada. Campo Grande: UCDB, 2014.

MARTÍN, J. C. Los retos por una sociedad a escala humana: el desarrollo local. In: SOUZA, M. A. **Metrópole e globalização**: conhecendo a cidade de São Paulo. São Paulo: CEDESP, 1999. p. 169-177.

MARTÍN, José Carpio (Idealizador). **Desenvolvimento local em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: UCDB, 2001.

MARTÍN, José Carpio. **Perspectivas de desarrollo local**. Campo Grande: UCDB, 1999.

MARTINS, Sérgio Ricardo Oliveira. Desenvolvimento local: questões conceituais e metodológicas Universidade Católica Dom Bosco. **Interações** - Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Campo Grande: UCDB, v. 3, n. 5, p. 51-59, set. 2002.

MERIGHI, Cristiane de Castilho. **A utilização do gás natural como alternativa de desenvolvimento local**: um estudo de caso na Cerâmica Campo Grande - MS. 2004. 113 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2004.

MÔNACO, Carlos Miguel. A ferrovia. In: **Campo Grande - 100 anos de construção**. Campo Grande: Matriz, 1999.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História** - Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História/ Departamento de História, PUC-SP, São Paulo, v.10, p.7-28, 1993.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC/FGV, 1992.

POSSAMAI, Z. R. O patrimônio em construção e o conhecimento histórico. **Revista Ciências e Letras**, Porto Alegre, v. 25, n. 27, p. 13-24, jan./jun. 2000.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RICCA Marco. **Cabeça a prêmio**. Direção de Marco Ricca. Trailer do filme (1:47). Disponível em <<http://youtu.be/gScDQxzEvw>>. Acesso em: 30 out. 2014.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração**: guia para estágios, trabalho de conclusão, dissertação e estudos de caso. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

ROSSI, Marco. **Noroeste**: Ferrovia do MS. Ponta Porã: Horizonte Verde, 2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

SILVEIRA, Edilson Soares da. **Condições sócio-econômicas e relação com o meio ambiente dos moradores do assentamento nova querência**: potencialidades de desenvolvimento local. 85 f Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2004.

SOUZA FILHO, C. F. M. **Bens culturais e proteção jurídica**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1997.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

Depoimentos:

GASPAR, Christhian. **Informações sobre o Hotel Gaspar**, fev. 2014. Gravação em celular (60 min.), autorizada pela depoente.

APÊNDICES

Apêndice – A

Questões – Entrevista semiestruturada – Hóspedes do Hotel Gaspar

1. CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS

1.1 Idade _____

1.2 Gênero () feminino () masculino

1.3 Estado civil

() Casado	() Solteiro
() Desquitado	() Divorciado
() União Estável	() Viúvo

1.4 Qual sua atividade profissional?

2. HOTEL

2.1 Por que você acha que o hotel se chama Gaspar?

2.2 Há quanto tempo o hotel existe?

2.3 Quais as pessoas que costumam se hospedar aqui?

2.4 O que você conhece sobre a história do hotel?

2.5 Como você percebe o hotel na história da cidade?

2.6 Se você pudesse, modificaria a estrutura do hotel? Descreva o que mudaria e por quê:

2.7 O que você acha do Estado fazer o tombamento do hotel como patrimônio histórico e cultural da cidade?

2.8 Quem administra o hotel?

- 2.9 Como é a administração do hotel em sua opinião?
- 2.10 Como os administradores tomam as decisões para cuidar do funcionamento do hotel?
- 2.11 A opinião dos hóspedes interfere nas decisões administrativas do hotel?

3. RELAÇÃO HÓSPEDES COM O HOTEL

- 3.1 Há quanto tempo você é hóspede do hotel?
- 3.2 Conta-me como é a relação da gerência e funcionários do hotel com você?
- 3.3 E quando você fica doente, como é?
- 3.4 Qual é sua relação com o hotel em dias festivos?
- 3.5 Qual é sua relação com o hotel aos finais de semana?
- 3.6 Como você percebe a relação da sua história de vida com a história do hotel?

4. RELAÇÃO HÓSPEDES COM HÓSPEDES

- 4.1 Como é sua relação com os outros hóspedes mensalistas?
- 4.2 Como é sua relação com os outros hóspedes diaristas?
- 4.3 Vocês fazem algumas atividades juntos?

Apêndice – B

Questões – Entrevista semiestruturada - Gestores do Hotel Gaspar

1. CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS

1.1 Idade _____

1.2 Gênero () feminino () masculino

1.3 Estado civil

() Casado	() Solteiro
() Desquitado	() Divorciado
() União Estável	() Viúvo

1.4 Qual sua atividade profissional?

2. HOTEL

2.1 Por que você acha que o hotel se chama Gaspar?

2.2 Há quanto tempo o hotel existe?

2.3 Quais as pessoas que costumam se hospedar aqui?

2.4 O que você conhece sobre a história do hotel?

2.5 Como você percebe o hotel na história da cidade?

2.6 Se você pudesse, modificaria a estrutura do hotel? Descreva o que mudaria e por quê:

2.7 O que você acha do Estado fazer o tombamento do hotel como patrimônio histórico e cultural da cidade?

2.8 Quem administra o hotel?

- 2.9 Como é administração do hotel em sua opinião?
- 2.10 Como os administradores tomam as decisões para cuidar do funcionamento do hotel?
- 2.11 A opinião dos hóspedes interfere nas decisões administrativas do hotel?

3. RELAÇÃO HÓSPEDES COM O HOTEL

- 3.1 Há quanto tempo você é gestor do hotel?
- 3.2 Conta-me como é a relação dos funcionários e hóspedes do hotel com você?
- 3.3 E quando os hóspedes ficam doente, como é?
- 3.4 Qual é a relação do hotel com os hóspedes em dias festivos?
- 3.5 Qual é a relação do hotel com os hóspedes aos finais de semana?
- 3.6 Como você percebe a relação da história de vida dos hóspedes com a história do hotel?

4. RELAÇÃO GESTOR COM HÓSPEDES

- 4.1 Como é sua relação com os hóspedes mensalistas?
- 4.2 Como é sua relação com os hóspedes diaristas?
- 4.3 Vocês fazem algumas atividades juntos?